

# 264

## **Situação e presença de um crítico austríaco-brasileiro**

Guilherme Mazzafera S. Vilhena

Procura-se apresentar a vida e obra de Carpeaux, privilegiando sua atuação como crítico literário radicado no Brasil por meio da recuperação de dois ensaios fundamentais de seu percurso, compostos em momentos distintos: “Situação e presença: algumas reflexões sobre a crítica literária” (1941) e “Dialética da literatura brasileira” (1967). Destaca-se a noção de presença, vinculada ao perfil ensaístico de sua escrita, a construção de um *locus* crítico movente entre a formação europeia e a fruição analítica da literatura brasileira, e a fluida coexistência entre política e literatura em seus escritos.

The article intends to present Carpeaux’s life and works, emphasizing his role as literary critic established in Brazil by retrieving two fundamental essays of his career, written at different moments: “Situação e presença: algumas reflexões sobre a crítica literária” (1941) and “Dialética da literatura brasileira” (1967). The study emphasizes the notion of presence, associated to the essayistic nature of his writing, the composition of a moveable critical locus between the European background and the analytic fruition of Brazilian literature, and the fluid coexistence of politics and literature in his writings.

DOI 10.11606/issn.2447-8997.teresa.2020.166604

# SITUAÇÃO E PRESENÇA DE UM CRÍTICO AUSTRIACO- BRASILEIRO

GUILHERME MAZZAFERA S. VILHENA



“A literatura, com ser ficção, resiste à mentira. É nesse horizonte que o espaço da literatura, considerado em geral como o lugar da fantasia, pode ser o lugar da verdade mais exigente.”

Alfredo Bosi, “Narrativa e resistência”

*“Post tenebras spero lucem”*

Jó 17:12

## 1. O CRÍTICO E O HISTORIADOR LITERÁRIO<sup>1</sup>

No que constitui uma de suas primeiras reflexões em terras brasileiras sobre o ofício da crítica literária, Otto Maria Carpeaux procura qualificar dois termos-chave de seu vocabulário crítico: “Situação e presença”.<sup>2</sup>

Ao propor uma reavaliação radical dos conceitos históricos postulado por Charles Saint-Beuve e Benedetto Croce, Carpeaux estabelece uma oposição entre tais abordagens: “Saint-Beuve parte do homem e Croce parte da obra, e parece que estes dois métodos levam a triunfos e a derrotas igualmente opostos.” Saint-Beuve seria incontestável no que se refere ao passado literário, impregnando sua recepção até o presente vivido por Carpeaux. Por outro lado, seria surdo às manifestações da atualidade, pós-1830, ignorando autores como Stendhal, Balzac, Hugo, Flaubert, Musset e Nerval. Croce, por outro lado, embora tenha sido por muito tempo “o juiz e a consciência da literatura contemporânea”, equivoca-se constantemente como crítico do passado (pré-1830), até mesmo com relação a nomes da envergadura de Dante e Leopardi.

---

1 Este artigo faz parte de uma pesquisa de doutorado sobre Otto Maria Carpeaux, vinculada à FFLCH-USP, e conta com apoio do CNPQ. Agradeço a meus colegas editores Augusto Massi, André Luis Rodrigues, Erwin Torralbo Gimenez e Guilherme Tauil pela leitura atenta e por suas generosas sugestões.

2 CARPEAUX, Otto Maria. “Situação e presença: algumas reflexões sobre a crítica literária”. *Correio da Manhã*, nº 14.442, Ano XLI, Rio de Janeiro, 30 nov. de 1941. (*Suplemento*, pp. 1-2). Como se trata de texto fundamental para este primeiro momento de Carpeaux como crítico literário – e, salvo engano, nunca abordado por seus intérpretes –, o mesmo se encontra reproduzido depois deste artigo. Além disso, por conta da brevidade da maioria dos artigos de Carpeaux, reservamos a indicação das páginas para textos mais longos, uma vez que nos textos curtos elas são facilmente localizáveis.

Procurando esmiuçar a questão, Carpeaux articula uma distinção fundamental entre história e crítica literárias, alicerçada nos diferentes gestos apropriativos que fazem da filologia: “a filologia do historiador estuda esta língua”, enquanto “a filologia do crítico estuda o sentido”. Ao estudar a língua, chega-se à *situação* histórica de um autor e obra, enquanto o estudo do sentido desvela a *presença*, “pela qual uma obra se subtrai do tempo histórico e torna-se imortal: sempre presente”.

Em termos de evolução literária, Carpeaux considera que autores e obras costumam apresentar apenas uma destas instâncias, tendo importância meramente histórica (situação sem presença) ou constituindo-se como pura atualidade (presença sem situação). Ao olhar para o passado, o historiador almeja fixar as situações, enquanto o crítico anseia por evocar a presença; na atualidade, cabe ao crítico estabelecer as situações, enquanto ao historiador só resta o cruzar de braços em face de um eterno presente. Os campos de atuação do historiador e do crítico parecem, deste modo, excluir-se mutuamente. No entanto, lembra Carpeaux, “o acordo da situação e da presença faz a prerrogativa do gênio”, e o mesmo deve aplicar-se ao método do intérprete. Saint-Beuve rejeita a simples situação, recorrendo à vida dos autores, à “personalidade fora do tempo”, para melhor compreender as obras. Croce, por outro lado, abstrai a personalidade para encontrar a obra em seu presente constitutivo.

A predominância exclusiva da situação equivaleria ao golpe de morte da história sobre a obra de arte, limitando seu entendimento à interpretação alegórica, de cunho dogmático. A preferência do crítico pela presença, portanto, estaria vinculada a uma concepção simbólica da obra literária, como apontado no estudo fundamental de Mauro Souza Ventura: “Para o crítico, arte é símbolo e não alegoria. Quando uma obra não consegue suplantar o nível da alegoria, torna-se inferior”.<sup>3</sup> O anseio do crítico literário, segundo Carpeaux, é o de “aniquilar o tempo”, único meio de vislumbrar a presença de um autor ou obra. A interpretação da obra enquanto símbolo, ou seja, “sua capacidade de gerar múltiplos sentidos”,<sup>4</sup> depende de um gesto ativo do leitor-crítico que, a partir dos símbolos gestados pela arte (que não deve deles tirar conclusões, segundo Carpeaux), não procura impor uma tábua de valores pré-moldada,

---

<sup>3</sup> VENTURA, Mauro Souza. *De Karpfen a Carpeaux: formação política e interpretação literária na obra do crítico austríaco-brasileiro*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2002, p. 95.

<sup>4</sup> *Ibidem*, p. 103.

mas “cria-os por intermédio da arte”,<sup>5</sup> passo diverso daquele dado pelo historiador literário, que inventaria o corpus crítico precedente, fixando “os valores da tradição”:

O historiador literário faz o inventário das críticas acumuladas. Fixa os valores da tradição. Sua maior ambição é de dar um *idearium* completo da sua literatura. O crítico não faz um inventário; faz a crítica do inventário. É por isso que uma história literária, feita por um crítico, desperta um interesse excepcional. O crítico não fixa os valores; cria-os por intermédio da arte. Uma grande experiência nos ensinou que a literatura antecipa, pelos seus símbolos, o futuro. Mas a arte cria os seus símbolos, sem tirar deles conclusões. A crítica tira desses símbolos as suas conclusões; a crítica cria valores. O crítico não escreve um *idearium* e sim um modesto diário; mas o seu jornal é um calendário do futuro. Ele é o historiador das eras vindouras.

Uma rápida consulta aos ensaios de Carpeaux revela sua preferência pelo segundo termo: “Presença de Goethe”, “Presença de Aníbal”, “Presença francesa”, “Brasil: ausências e presença” e, ainda mais relevante, é o título da coletânea de 1958, *Presenças*, em oposição a um breve exemplo da “Situação de Mallarmé”. A isto se pode associar, talvez, a opção de Carpeaux pelo ensaio como *forma mentis* de sua crítica, que penetra mesmo em seus largos voos de historiador literário, cujos melhores momentos, sobretudo no caso da *História da literatura ocidental*, são os breves lampejos ensaísticos que, reordenando as situações, articulam uma nova presença de determinado autor ou obra.

Ao compor a divisa essencial da crítica literária – “Distinguir e ligar as situações, as presenças e a vida é a tarefa interminável, o fim supremo do crítico” – Carpeaux não deixa de apontar para seu próprio método, em que o ensaio surge, nas palavras de outro grande praticante da forma, como “atividade do espírito que tenta conferir contorno preciso a um objeto, dar-lhe realidade e ser”,<sup>6</sup> modo alternativo de indicar a necessidade de conjugar situação (“contorno preciso”) e presença (“realidade e ser”). A delimitação dos contornos, porém, não implica seu exaurimento, posto se tratar

---

5 CARPEAUX, Otto Maria. “Situação e presença: algumas reflexões sobre a crítica literária”. Op. cit.

6 BENSE, Max. “O ensaio e sua prosa”. Tradução de Samuel Titan Jr. In: PIRES, Paulo Roberto. *Doze ensaios sobre o ensaio*. São Paulo: IMS, 2018, p. 115.

de objeto efetivamente criado pela escrita. Se ao ensaísta compete o gesto compósito que produz “incansavelmente novas combinações ao redor do objeto”,<sup>7</sup> o Carpeaux crítico literário, sem abrir mão de certo rigor metodológico, desabona a severidade de uma aparentemente inexorável filiação texto-contexto,<sup>8</sup> promovida tanto por uma leitura exclusivamente nacional, que enlaça autor, obra e realidade histórico-social, como por outra, pretensamente internacionalizante, refém da localização e comprovação angustiada de influências.

Como propõe Dominick LaCapra, pensando no processo de carnavalização conceituado por Bakhtin, a obra de um escritor pode ser desmembrada criativamente, permitindo a recorrência de processos de renovação e impedindo que os textos se fechem hermeticamente sobre si mesmos.<sup>9</sup> A leitura que Carpeaux empreende da literatura brasileira – da qual sua contínua interpretação da obra de Machado de Assis é caso emblemático<sup>10</sup> –, a despeito de certa oscilação entre lugares-comuns já postulados pela crítica majoritária, traz como marca precípua um contínuo deslocar-se que, a cada novo texto, parece reconfigurar autor e obra em novos contextos e vieses interpretativos, levando a cabo uma ideia que nos parece central na reflexão de Max Bense sobre a forma do ensaio: “a razão de ser do ensaio consiste menos em encontrar uma definição reveladora do objeto e mais em adicionar contextos e configurações em que ele possa se inserir”.<sup>11</sup>

Esse modo de proceder, marcado por um pendor universalista que preza um sentido profundo de unidade cultural, não refuga o gesto historicizante, reencenado a cada passo, tendo em mente que os objetos sob análise são inacessíveis enquanto constructos históricos puros, mas perscrutáveis por uma atitude indagadora que congregue “a mais ampla informação, atitude desinteressada, método seguro, e uma certa dose de força criadora”.<sup>12</sup> Pela soma de tais instâncias, o grande crítico sempre

---

7 Ibidem, p. 121.

8 “O apelo ao contexto é enganador: ninguém detém – ao menos no caso de textos complexos – o contexto. A suposição de que alguém o faz ancora-se no gesto de hipostasiar o ‘contexto’, frequentemente a serviço de enganadoras analogias orgânicas ou abertamente redutoras.” LA CAPRA, Dominick. *Rethinking Intellectual History: Texts, Contexts, Language*. Ithaca; London: Cornell University Press, 1983, p. 35. Tradução nossa.

9 Ibidem, pp. 55-56.

10 Uma excelente leitura deste esforço, tomando por base o primeiro e o último textos de Carpeaux sobre Machado, encontra-se no artigo de Erwin Torralbo Gimenez presente nesta edição da *Teresa*.

11 BENSE, Max. Op. cit., p. 121.

12 CARPEAUX, Otto Maria. “O crítico Augusto Meyer”. In: *Ensaaios reunidos – Vol. I (1942-1978)*. Organização, introdução e notas de Olavo de Carvalho. Rio de Janeiro: Topbooks; UniverCidade, 1999, p. 849.

(re)cria seu objeto, e a verdadeira prova de fogo, para Carpeaux, não é o debruçar-se sobre os contemporâneos, cujo juízo será sempre precário, mas o confronto contínuo com as obras de qualquer época, “inclusive e especialmente as publicadas no passado”. Mas seria esse passado efetivamente legível?

## 2. A CONSTRUÇÃO DA PERSPECTIVA

*Livros na mesa* (1960), último conjunto de ensaios inéditos em livro organizado por Carpeaux, tem, como pórtico, um breve e agudo ensaio sobre a relação entre obras e leitores ao longo do escopo cronológico. Advogando contra o mantra da especialização ultimada, que impede o vislumbre dos “grandes horizontes” – que teriam permitido a Max Weber, por exemplo, conectar economia e religião – e a produção das “grandes sínteses”, em “Perspectivas da interpretação”<sup>13</sup> Carpeaux propõe um abrandamento da miopia investigativa pela expansão gradual de um problema particular, a ponto de “a existência espiritual inteira da humanidade estar em causa”. No caso, o crítico pensa no problema imanente à execução de música proveniente séculos XVII e XVIII com instrumentos atualizados, o que leva, por vezes, ao paradoxo do gosto: o *Cravo bem temperado* soa melhor executado ao piano. No entanto, estaria o piano previsto enquanto possibilidade na composição desta obra de Bach?

Percebendo tal questão como ainda mais grave na literatura, Carpeaux indaga: embora seja possível acumular uma vasta quantidade de conhecimento sobre a época de Dante, por exemplo, em que medida o desejo de converter o leitor do presente (seja ele qual for) em coetâneo à obra não é uma espécie de mistificação? Tendo amontoado quatro séculos de exegese cervantina – o que, a rigor, nos torna mais sabedores do Quixote do que seus primeiros leitores – podemos ler o romance tal como se lia em 1605?

Se o acesso ao passado é sempre dificultoso, “país estrangeiro” que recusa qualquer atlas, o discurso histórico permite, como propõe David Lowenthal, “expandir e elaborar a memória”,<sup>14</sup> ampliando o conhecimento e a compreensão de eventos já transcorridos, mas sem jamais se elevar a qualquer dimensão totalizante. Carpeaux não parece ter dúvidas que se trata de uma distinção qualitativa: sabemos mais, porém tal excesso é,

---

<sup>13</sup> Idem. “Perspectivas da interpretação”. In: *Ensaio reunidos – Vol. I*, cit., pp. 773-775.

<sup>14</sup> LOWENTHAL, David. Como conhecemos o passado. *Projeto História*, nº 17. *Trabalhos da memória*. São Paulo: Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC-SP, nov. 1998, p. 104.

também, figura de elisão. O acúmulo, ainda que bem delineado em sua sucessão interpretativa, nos torna “insensíveis ao que foi novo naquela época e já não é novo hoje”.<sup>15</sup> Na sequência do texto, Carpeaux localiza o problema como vinculado ao nascimento da hermenêutica, motivado pelos dissídios da exegese bíblica na época da Reforma, em que se orquestrava uma oposição entre a leitura atualizada e em acordo com a interpretação da Igreja Católica, que foi gradualmente incorporando elementos estranhos ao núcleo bíblico primevo – como o culto aos santos –, e a procura pela leitura “original”, assim como faziam os “contemporâneos dos autores inspirados”, o que redundou na tradução vulgar de Lutero e suas múltiplas consequências. A partir deste segundo viés, os princípios hermenêuticos, informa Carpeaux, estenderam-se para a leitura dos clássicos greco-latinos e para o escrutínio dos textos jurídicos, do que se infere que a hermenêutica se arvora, a despeito de muita teorização, em uma espécie de ciência do arbítrio, que nos legou a categoria do gosto na crítica literária (que o próprio Carpeaux reconhece como fundamental), mas também a ideia de que “a interpretação depende da nossa compreensão (no sentido de Dilthey) do passado”.

No entanto, o cisma exegético bíblico – versão potencializada do embate entre os amantes do piano e seus detratores puristas – expande-se em pergunta amplíssima e altamente particularizada: “Será que somos capazes de ‘compreender’ o passado?” Uma resposta possível a essa pergunta já fora enunciada um pouco mais cedo no ensaio: “A distância falsifica inteiramente a perspectiva.” Porém, logo na linha seguinte, Carpeaux alarga o sentido de “distância”, que passa a abranger qualquer impasse compreensivo entre raças, credos, sexos e indivíduos – e mesmo em chave individual: “Será que somos capazes de compreender o presente?”

Compreensão, colocada entre aspas por vínculo estreito com o pensamento do filósofo alemão Wilhelm Dilthey, influência marcante na formação de Carpeaux, é termo que pede alguma delimitação. Para Dilthey, compreender é ação que demanda “o envolvimento de quem compreende, que participa também com imaginação, para enxergar o universal no particular e o todo na parte”.<sup>16</sup> Recuperando e aprofundando a noção de círculo hermenêutico discutida por Schleiermacher, em seu imbricamento profuso entre o todo e suas partes, Dilthey propõe que

---

<sup>15</sup> CARPEAUX, Otto Maria. “Perspectivas da interpretação”. Op. cit., p. 775.

<sup>16</sup> FRANCO, Sérgio de Gouvêa. “Dilthey: compreensão e explicação’ e possíveis implicações para o método clínico”. *Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.*, São Paulo, v. 15, n. 1, março 2012, p. 18.

“a interpretação depende sempre do *contexto* em que o intérprete se coloca”, e, assim, a tarefa do intérprete não seria a de um mergulho inopinado em seu objeto, como se fosse possível reestabelecer qualquer contexto originário, mas sim a busca por “promover a interação entre o seu horizonte e o horizonte do texto”.<sup>17</sup>

Entretanto, no fecho do ensaio de Carpeaux, há uma sutil volta do parafuso. Se o presente e o passado são, em grande medida, inacessíveis, o mesmo não se dá com o futuro, compreendido antecipadamente posto que “somos nós que o criamos”.<sup>18</sup> Se toda nova interpretação literária pertence irremediavelmente a tal futuro, ela se dá como mudança conservadora, em que o acesso às obras do passado é rigorosamente anacrônico, “uma justaposição de tempos densamente entrelaçados, que faz a mente mortal parecer imperecível”.<sup>19</sup> Entretanto, mesmo o desejo mais obtuso de um historiador por recriar determinada época não redundava em mero preenchimento de lacunas, uma vez que acaba por contestar “até mesmo aquelas lembranças que sobreviveram intactas”,<sup>20</sup> mas em uma recriação da mesma, mediada pelo presente.

Talvez se possa acrescentar a tal dimensão positiva do futuro, sob a ambiência de Dilthey, que cada nova interpretação é, a rigor, verdadeira, uma vez que “partirá da historicidade do próprio intérprete que se utiliza do *seu* momento histórico para a compreensão”.<sup>21</sup> Cabe agora, portanto, perscrutar a complexa construção da historicidade de nosso intérprete – um europeu recém-imigrado que se depara com uma nova língua e sua tradição literária em plena atividade criadora – e o movente *locus* crítico que passa a ocupar.

### 3. DO COSMOPOLITISMO EUROPEU À CIDADANIA BRASILEIRA

Filho do advogado e músico amador Max Karpfen e de Gisela Schmelz Karpfen,<sup>22</sup> quem nasce em 9 de março de 1900 em uma Viena de forte

---

17 WAIZBORT, Maria do Carmo Malheiros. *Um diálogo crítico: Otto Maria Carpeaux e as “ciências do espírito”*. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciência Humanas (FFLCH), Universidade de São Paulo, 1992, p. 31.

18 CARPEAUX, Otto Maria. “Perspectivas da interpretação”, cit., p. 775.

19 LOWENTHAL, David. Op. cit., p. 104.

20 YERUSHALMI apud LOWENTHAL, David. Op. cit., p. 104.

21 WAIZBORT, Maria do Carmo Malheiros. *Um diálogo crítico: Otto Maria Carpeaux e as “ciências do espírito”*. Op. cit., p. 37.

22 Embora constantemente repetida nos apontamentos biográficos sobre Carpeaux, a informação de que seus pais professavam religiões diversas – judaísmo paterno e catolicismo materno –, o que poderia indiciar certa cisão religiosa prematura no filho, foi contestada em artigo escrito pela pesquisadora Carol Colffield. A partir da análise de documentos oficiais obtidos em arquivos austríacos e no Memorial *Yad Vashem* em Israel, Col-

ebulição cultural, que poucos anos depois experimentaria uma aguda passagem da herança dinástica do Império Habsburgo para a “Pequena Áustria” laica e liberal do primeiro pós-guerra,<sup>23</sup> não é (ainda) Carpeaux, mas Otto Karpfen.

A formação cosmopolita é atestada pela variedade de interesses e instituições pelas quais passou após o término dos estudos escolares em sua cidade natal: Universidade de Viena (química e filosofia), Universidade de Leipzig (ciências matemáticas), Universidade de Paris (filosofia e sociologia), Universidade de Nápoles (literatura comparada), além da Escola Superior de Política e Sociologia de Berlim. Jornalista por ofício, foi o segundo redator-chefe, entre 1934 e 1938, do *Reichpost*, um dos principais jornais europeus, de orientação monarquista e católica. Além deste, suas contribuições na imprensa espalhavam-se pelas publicações *Die Neue Rundschau* (Berlim), *Signale für die musikalische Welt* (Berlim), *Literarisches Echo* (Stuttgart), *La Vie Intellectuelle* (Paris), *La Cité Chrétienne* (Bruxelas), *De Gemeenschap* (Amsterdã), *Elckerlyc* e *Gazet Van Antwerpen* (Antuérpia), *De Tijd* (Haia) e *Lo Stato Corporativo* (Roma), além das publicações vienenses *Neue Freie Presse* (Viena), o semanário cristão de filiação católica *Der Christliche Ständestaat*, que congregava defensores da independência austríaca frente ao avanço alemão, e o jornal *Die Erfüllung*. Karpfen teve papel importante na revista semanal vienense *Berichte zur Kultur und Zeitgeschichte*, da qual foi redator-chefe entre 1934 e 1938, além ser o diretor de uma coleção de livros de mesmo nome da editora Reinhold, pela qual publicou um de seus livros mais combativos, *Österreichs europäische Sendung [A missão europeia da Áustria]* (1935). Entre outras coisas, foi assistente da Faculdade de Filosofia de Viena (1925-27), roteirista de filmes de cinema mudo em seu período berlinense (1927-29) e diretor da Biblioteca de Ciências Econômicas e Sociais de Viena (1936-38).

A produção bibliográfica de Karpfen parece ser bastante substancial já nos anos 1930, contando com um conjunto prolífico composto,

---

ffield indica que Gisela, se não o era efetivamente, ao menos foi considerada judia pelo Reich alemão. Além de obrigada a entregar todas suas posses às autoridades, em 27 de abril de 1942, Gisela, viúva desde 1931, foi deportada para Wlodawa (Polônia), cidade próxima do campo de extermínio de Sobibor, junto com outros 997 judeus vienenses, dos quais apenas três teriam sobrevivido. Após o término da guerra, Carpeaux teria recebido uma carta da *Israelitische Kultusgemeinde*, instituição judaica vienense dedicada a localizar sobreviventes do Holocausto, informando-lhe sobre a deportação da mãe. Colfield sugere que o silêncio de Carpeaux quanto a sua progressiva vida europeia poderia estar relacionado a esta perda. Ver COLFIELD, Carol. “Otto Maria Carpeaux: O que não pôde ser dito”. *Cadernos de Língua e Literatura Hebraica*, v. 15, 2018, pp. 145-154.

23 VENTURA, Mauro Souza. Op. cit., p. 16.

além da tese de doutorado sobre a química do cérebro,<sup>24</sup> por sete livros publicados entre 1930 e 1938, alguns sob pseudônimo: *Catolicismo e nacionalismo na França – Um estudo sobre as relações entre doutrina e ação* (publicado em francês, 1930); *As confissões católica e protestante nas origens e na evolução da literatura alemã moderna* (1931); *A noção de crise e o pessimismo histórico na literatura do barroco* (1932, dedicado a Benedetto Croce, importante influência em seus escritos literários); *De Grillparzer até Hofmannsthal: Um século de literatura austríaca* (1933); *Caminhos para Roma: aventura, queda e vitória do espírito* (1934); *A missão europeia da Áustria* (1935); e *A Áustria dos Habsburgos e a Áustria de amanhã* (1938, publicado em holandês na Antuérpia). Destes, o único disponível em língua portuguesa é *Caminhos para Roma* (2014), assinado por Otto Maria Karpfen. *A missão europeia na Áustria*,<sup>25</sup> assinado por Otto Maria Fidelis, traz a marca inequívoca de um intelectual combativo que advoga convictamente pela independência austríaca em face dos avanços de Hitler, preocupação retomada no livro de 1938, publicado em holandês, assinado por Leopold Wiesinger e também conhecido pelo título *Dos Habsburgos a Hitler (Van Habsburg tot Hitler)*, livro cuja atribuição a Karpfen apresenta indícios de confiabilidade. Os primeiros quatro livros, presentes nos documentos do processo de nacionalização (Processo 10.345/42) salvaguardados no Arquivo Nacional (RJ), ainda não foram localizados por pesquisadores, o que faz de sua existência e autoria uma conjectura.<sup>26</sup>

Karpfen parece ter transitado entre importantes rodas intelectuais, além de ter assistido a conferências de Sigmund Freud e esbarrado em um então incógnito Franz Kafka, de quem seria o introdutor no Brasil e cuja primeira edição de *O processo* constitui um dos tesouros preservados de sua biblioteca europeia. Da formação especificamente vienense, sempre contrabalaneada pela experiência cosmopolita em centros europeus, Karpfen parece ter herdado, conforme propõe Mauro Ventura, seu principal estudioso, um vínculo profundo com a cultura barroca do Império Habsburgo associada a um ecumenismo católico que se faz visão de mundo, atravessada constantemente por

---

24 Título que, segundo Colfield, lhe seria destituído pelas autoridades alemãs em 28 de fevereiro de 1942. Ver COLFIELD, Carol. “Otto Maria Carpeaux: O que não pôde ser dito”. Op. cit.

25 Em *De Karpfen a Carpeaux* (cit.), Ventura apresenta a tradução de uma breve seleção de excertos deste livro.

26 Os livros figuram na bibliografia do estudo de Ventura (*De Karpfen a Carpeaux*) e no processo de naturalização de Carpeaux estudado por Fábio Koifman em “Cidadão carioca: a naturalização de Otto Maria Carpeaux” (*Intellèctus*, ano XIV, n. 2, 2015, pp. 169-188).

um sentido trágico da existência, elementos estes que se farão notar abundantemente na crítica literária desenvolvida em terras brasileiras.<sup>27</sup> Mais especificamente, as ideias de Karpfen, próximas de uma visão social-cristã, encontravam certo eco na atuação dos dois últimos primeiros-ministros austríacos Engelbert Dollfuss e Kurt Schuschnigg. O primeiro fora assassinado em 1934 em uma tentativa de golpe nazista, enquanto o segundo se viu demitido e preso em 1938, circunstâncias ominosas que tornaram insustentável a permanência de Karpfen na Áustria na iminência do avanço hitlerista. Tal como exposto em *A missão europeia da Áustria*, Karpfen defendia um papel a ser desempenhado por seu país natal em função de suas raízes históricas como bastião da cristandade contra o avanço turco, congregando múltiplas identidades culturais e orientando sua ação para um viés fortemente supranacional, reminiscente do Sacro Império Romano-Germânico e, portanto, em flagrante oposição à visão nacionalista e pangermanista do *Reich* alemão.

A emergência do *Anschluss*, a absorção da Áustria pela Alemanha tão combatida por Karpfen, dá início à sua “fuga kafkiana da Europa”, tal como descrita por Albert von Brunn.<sup>28</sup> Em 16 de março de 1938, Karpfen e sua esposa, Helene Silberherz, judia alemã nascida em Otynia (atual Ucrânia) e filha de David Silberherz e Chane Rosenkranz, com quem Karpfen se casara em 12 de fevereiro de 1930, partem em direção à Itália, de onde rumam para a Suíça e, daí, para Bélgica, permanecendo certo tempo no país enquanto Karpfen trabalhava para a *Gazet van Antwerpen*, jornal belga de língua holandesa. Em 25 de julho de 1939, o casal obtém vistos permanentes no consulado brasileiro na Antuérpia, parte dos três mil vistos negociados entre o arcebispo de Munique, D. Michael von Faulhaber, e o papa Pio XII – e referendados posteriormente pelo presidente Getúlio Vargas, buscando manter boas relações com a Igreja. Karpfen ficara sabendo da possibilidade de obter esse visto por meio do padre holandês Ambros Pfiffig, e, para adquiri-los, o casal fora incluído na cota de “católicos não arianos”. Aos olhos da Igreja Católica, Carpeaux não era judeu, tendo se convertido ao catolicismo em 1933 e supostamente adotado o nome Maria em função disso, mas para a orientação antes racial do que religiosa da perseguição nazista tal fato era

---

27 A sequência deste parágrafo reúne algumas das principais ideias do estudo citado. O leitor interessado poderá ter uma ideia mais ampla sobre a formação e atuação jornalística europeia de Karpfen em “O jornalismo político-ideológico de Otto Karpfen”, artigo de Ventura presente nesta edição da *Teresa*.

28 Ver BRUNN, Albert von. “Uma fuga kafkiana da Europa”. *Rascunho*, n. 157. Curitiba, mai. 2013, pp. 12-13.

irrelevante. Desconhecendo a língua portuguesa e a literatura brasileira, sua vinda às nossas plagas tinha forte sabor de aventura livresca.

Na viagem a bordo do vapor Copacabana, que desembarcou no Rio de Janeiro em 10 de setembro de 1939, poucos dias após o início da Segunda Guerra Mundial, Carpeaux diz ter-se deparado pela primeira vez com o nome de Machado de Assis ao ler uma história da literatura brasileira de um lusófilo francês disponível na biblioteca de bordo.<sup>29</sup> O mesmo Carpeaux, sempre dialético, fala também de um encontro anterior, ainda na Bélgica, com uma tradução francesa das diletas páginas de “O velho senado”, as maiores que leu em prosa portuguesa.<sup>30</sup> Independente das origens efetivas do encontro com Machado, cabe notar que ele se deu sob o signo da fuga e deslocamento e, sugestivamente, o constante retorno a Machado e seus textos por parte do crítico literário que viria a se tornar no Brasil alicerça-se na percepção de um *locus* movente que a crítica brasileira ainda não conseguia precisar (sendo os mais prolíficos, neste sentido, os esforços de Augusto Meyer). Autor e crítico irmanam-se, também, em um dos epítetos preferidos de Carpeaux para uma classe muito específica de autores, os *twice-born*, formulação que remete à duplicidade dialética de uma cisão profunda na vida, mas que retorna, amplificada, no modo de ler e compreender nosso autor maior: “É preciso ler Machado, primeiro, para saber como são os brasileiros; depois, para saber que são assim mesmo os homens”.<sup>31</sup>

Os inícios de seu périplo brasileiro não foram dos mais fáceis. Após um encontro sisudo com Alceu Amoroso Lima na sede do Instituto Dom Vidal, no Rio de Janeiro, Carpeaux acabou sendo enviado para Curitiba e, dali, para uma colônia agrícola em Rolândia, interior do Paraná, onde experimentou uma vida de poucas motivações intelectuais, o que o levou a escrever uma carta enfurecida a Alceu, desdenhando a “falsa caridade católica” até então usufruída.<sup>32</sup> Após este período, Carpeaux e Dona Helena (como ficou conhecida por aqui) mudam-se para São Paulo, onde também não vislumbram grande perspectiva de permanência, cogitando inclusive uma mudança de país, possivelmente para o México. A vida dura o obrigou a se desfazer da maior parte dos poucos livros que conseguira trazer para o Brasil, escambo de pouca

---

29 CARPEAUX, Otto Maria. *Alceu Amoroso Lima por Otto Maria Carpeaux*. Rio de Janeiro: Graal, 1978, p. 12.

30 Idem. “Depoimento machadiano”. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 27 set. 1958, p. 2

31 Ibidem.

32 CARPEAUX, Otto Maria. *Alceu Amoroso Lima por Otto Maria Carpeaux*. Op. cit., p. 144.

valia naquelas circunstâncias. Desanimado e combalido, uma mirífica oferta de trabalho do prestigioso *Correio da Manhã*, mediada por aquele que se tornaria um de seus principais amigos, Álvaro Lins, mudou seus rumos, levando-o de volta ao Rio de Janeiro, cidade que jamais deixará. Na véspera da estreia no jornal, que se deu com o artigo “Jacob Burckhardt – o profeta de nossa época”, Álvaro Lins introduziu-o ao público leitor do periódico em “Apresentação de um novo companheiro europeu em exílio”, publicado em 19 de abril de 1941. Além de destacar o “critério absolutamente universal” da formação europeia de Carpeaux, Lins também ressalta a adoção consciente do pseudônimo *Carpeaux* – afrancesamento do sobrenome original Karpfen que se torna sua assinatura vitalícia – enquanto marca de um intelectual que tem por busca “a despersonalização da própria obra” e que, acrescentemos, privilegia em sua atuação como historiador da literatura uma história dos estilos em detrimento dos autores.<sup>33</sup>

Uma vez em posse de um emprego fixo que lhe conferia aos poucos projeção nacional, ampliando o escopo de publicações para as quais contribuía (*Revista do Brasil, O Estado de S. Paulo, O Jornal, A Manhã, Província de S. Pedro* etc.) e, conseqüentemente, seu domínio da língua portuguesa, Carpeaux buscou a efetivação de outra questão fundamental: a obtenção da cidadania brasileira. O sucesso da empreitada dependia da superação de alguns obstáculos burocráticos, como o prazo mínimo de dez anos de residência contínua previsto na legislação então vigente bem como a comprovação de quitação do serviço militar obrigatório. Diante dessas dificuldades, a opção de Carpeaux foi a de escorar-se no benefício de sua atuação intelectual, uma espécie de naturalização por recomendação, levada diretamente ao presidente Getúlio Vargas.<sup>34</sup>

Visando fortalecer este argumento, um abaixo-assinado com 38 nomes expressivos da intelectualidade carioca de então, entre os quais Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Álvaro Lins, Sérgio Buarque de Holanda, Graciliano Ramos e Cecília Meireles, foi encaminhado ao ministro da Justiça em 7 de outubro de 1942. Além da superação dos entraves já indicados, o abaixo-assinado solicitava prioridade cronológica sobre os demais, lastreada pelo interesse

---

<sup>33</sup> LINS, Álvaro. “Apresentação de um novo companheiro europeu em exílio”. In: *Jornal de crítica*. 1ª série. Rio de Janeiro: José Olympio, 1941. A relação entre Lins e Carpeaux é o assunto do ensaio de Eduardo Cesar Maia, presente nesta edição da *Teresa*.

<sup>34</sup> O que se segue é a exposição de parte da pesquisa de Fábio Koifman, “Cidadão carioca: a naturalização de Otto Maria Carpeaux”. Op. cit.

profundo de Carpeaux pela vida brasileira, expresso em seus artigos jornalísticos que atestavam a percuciência do crítico ao examinar escritores como, por exemplo, Graciliano Ramos, José Lins do Rego e Carlos Drummond de Andrade. Marco expressivo da conquista de autoridade crítica sobre a literatura nacional é o impressionante “O brasileiríssimo José Lins do Rego”, escrito a pedido do escritor paraibano e incluído como prefácio na primeira edição daquele que se tornaria seu romance mais importante, *Fogo morto* (1943).<sup>35</sup> Atipicamente, o processo de naturalização durou menos de dois anos, iniciado em 30 de janeiro de 1942 e ratificado em 20 de janeiro de 1944, de modo que, ao fim da Guerra, Carpeaux já era considerado cidadão brasileiro.

Anos mais tarde, referindo-se à sua primeira visita à Europa após a fuga, Carpeaux não deixa dúvidas sobre a profundidade de seu enraizamento: “Quando em 1953 passei seis meses na Europa, revendo todos os lugares onde tinha vivido, na Áustria e Alemanha, Bélgica e Holanda, Itália e França, já não fiquei emocionado. Emocionado fiquei, sim, ao rever o Rio de Janeiro”.<sup>36</sup> A fixação estava completa.

#### 4. O OFÍCIO DA CRÍTICA

Em 1944, quando deixa seu emprego de diretor da Biblioteca da Faculdade Nacional de Filosofia para assumir a direção da Biblioteca da Fundação Getúlio Vargas, onde permanecerá até 1949, Carpeaux já havia se estabelecido no ofício pelo qual será reconhecido entre nós: a crítica literária. Para quem publicava, desde sua estreia, em abril de 1941, ensaios de grande profundidade em ritmo semanal, não foi difícil compilar seus prediletos em dois volumes, *A cinza do purgatório* e *Origens e fins*, dedicados, respectivamente, aos amigos brasileiros e à esposa, Helena.

*A cinza do purgatório* (1942) apresenta um amplo conjunto de textos sobre escritores e intelectuais europeus, incluindo Goethe, Thomas Mann, Shakespeare, Dostoiévski, Jens Peter Jacobsen, Nietzsche, Max Weber, Vico, Hofmannsthal, John Milton e Joseph Conrad. Emoldurado por ensaios sobre o historiador suíço Jacob Burckhardt, o volume apresenta ainda uma instigante leitura sobre o pouco lembrado contista norte-americano Thornton Wilder; o pioneiro

---

<sup>35</sup> O alcance crítico deste texto é analisado em “José Lins do Rego entre o orgânico e o problemático”, de Davi Lopes Villaça, presente nesta edição da *Teresa*.

<sup>36</sup> PEREZ, Renard. “Biografia”. In: CARPEAUX, Otto Maria. *As revoltas modernistas na literatura*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1968, p. 11.

“Franz Kafka e o mundo invisível”, que apresentou o autor tcheco aos brasileiros; e o cada vez mais atual “A ideia da universidade e as ideias das classes médias”, com sua advertência inequívoca: “O utilitarismo é o inimigo mortal da Universidade”.<sup>37</sup> O que emerge na linha de frente deste conjunto de ensaios é a consciência de que cabe ao crítico a postulação correta dos problemas por analisar (“Vico vivo”); a adoção de uma postura simultaneamente ativa e humilde, interessada pelo objeto, mas desinteressada do mundo, algo próximo da apoliteia vislumbrada por Carpeaux nos escritos de Jacob Burckhardt em seu anseio por “guardar o ponto firme do espírito livre e da continuidade histórica” (“Jacob Burckhardt e o futuro da inteligência”); e, talvez mais importante, a defesa de uma acepção ativa de tradição literária (“Tradição e tradicionalismo”), exemplificada pela montagem do livro na escolha de seus objetos e na orquestração de suas seções – “Profecias”, “Interpretações” e “Julgamentos” –, cujo vínculo íntimo é estabelecido pelo autor no prefácio: “As vozes proféticas do passado ensinam-nos a interpretar a nossa situação; interpretação que equivale a um julgamento do mundo e de nós mesmos, a um exame de consciência.”<sup>38</sup>

*Origens e fins* (1943), intercala pela primeira vez o elemento brasileiro, agrupado na seção “No Novo Mundo”. Esta contempla expressões diversas de nossa arte e literatura, seja na figura do crítico e amigo, “Álvaro Lins e a literatura brasileira”, seja “A propósito do pintor brasileiro”, no caso, Candido Portinari, ou ainda em viés transnacional (“Última canção – vasto mundo” e “Tradições americanas”). Na mesma seção, o leitor pode encontrar dois ensaios exemplares e inolvidáveis em qualquer apresentação de Carpeaux: “Visão de Graciliano Ramos” e “Fragmento sobre Carlos Drummond de Andrade”. As demais seções contemplam Defoe, Ibsen, Homero, Erasmo, Pirandello, Hölderlin, o dileto Benedetto Croce, entre muitos outros, com destaque para o estudo sobre *Oblómov*, de Ivan Gontcharóv (a que voltaremos), e o poderoso “Poesia e ideologia”.

Como a crítica já notou – e o próprio autor não deixou de corroborar quando inquirido, atribuindo tal fato a necessidades históricas –, o tom dos ensaios deste díptico difere bastante dos

---

<sup>37</sup> CARPEAUX, Otto Maria. “A ideia da universidade e as ideias das classes médias”. In: *A cinza do purgatório*. Balneário Camboriú: Livraria Danúbio, 3ª edição, 2015, p. 241. Todas as citações de *A cinza do purgatório* derivam desta edição.

<sup>38</sup> Idem. “Prefácio”. In: *A cinza do purgatório*. Op. cit., p. 14.

textos produzidos posteriormente, em geral, mais leves e de menor extensão.<sup>39</sup> Como Carpeaux adverte no pórtico de *Origens e fins*, tanto esta quanto a coletânea anterior são partes de um “esforço que, em contradição dialética e em unidade de pensamento, continua.”<sup>40</sup> Além disso, vale notar que em sua maioria os ensaios foram compostos por Carpeaux em francês e traduzidos para o português por Carlos Gilberto Lima Cavalcanti.

A próxima etapa desse esforço é, também, seu veio mais ambicioso. Embora publicada em oito volumes pelas Edições O Cruzeiro (dirigida por Herberto Sales) entre 1959 e 1966, a *História da literatura ocidental* foi composta, a partir da sugestão de José Lins do Rego, entre 1944 e 1945, sendo posteriormente atualizada e tendo seu capítulo sobre a literatura contemporânea reescrito para publicação.<sup>41</sup> Constantemente referida como monumental, trata-se de obra de historiografia literária sem paralelos em nossa tradição crítica, abarcando mais de oito mil autores em suas três mil páginas. É possível, no entanto, associá-la ao anseio reconstrutivo dos inícios pós-guerra evidenciado no desvelamento de focos unitários transversais, como os construídos por Erich Auerbach (*Mimesis*, 1946) e Ernst Robert Curtius (*Literatura europeia e Idade Média latina*, 1948). Obras irmãs, escritas em condições de dificuldade (e exílio, no caso de Auerbach), ambas procuram, a partir da mirada filológica, repor um eixo de totalidade cultural construído pela soma de seus fragmentos. A *História* de Carpeaux é rigorosamente contemporânea de tais obras e, não menos importante, escrita na língua de seu país de exílio em um momento em que, como vimos, o crítico já é um brasileiro naturalizado. Sua opção metodológica não é pelo rigorismo das periodizações, mas por um método “estilístico-sociológico” que procura apresentar o “todo orgânico” formado pelas diversas literaturas, isentas de suas divisas nacionais, como lembra Antonio Candido.<sup>42</sup> Portanto, a literatura

---

39 Perguntado sobre tal diferença, responde Carpeaux: “De quando são os dois primeiros livros? De 43 e 44. Enquanto os outros são posteriores a 45. Isso explica muita coisa, não é? [...] O artigo sobre *Romeu e Julieta* seria absolutamente impossível de escrever antes de 45.” Ver “Entrevista – Otto Maria Carpeaux”. *José – Literatura, Crítica, Arte*, nº. 1, Rio de Janeiro, jul. 1976.

40 CARPEAUX, Otto Maria. *Origens e fins*. Balneário Camboriú: Livraria Danúbio, 2018, 3ª edição, p. 9. Todas as citações de *Origens e fins* derivam desta edição.

41 Para maiores informações sobre a *História*, ver o ensaio de Roberto Acízelo de Souza nesta edição da *Teresa*, e o estudo de Mário Zeidler Filho: “Os livros perdidos de Otto Maria Carpeaux”. *Opção*, 4 nov. 2018.

42 CANDIDO, Antonio. “Dialética apaixonada”. *Leia Livros*, ano II, n. 3, 1979. Republicado em *Recortes*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004, pp. 98-106.

brasileira nela comparece não como ramo isolado, mas galho menor de uma mesma árvore inquebrantável, da qual se extraem “os grandes conjuntos orgânicos que exprimem o ritmo criador das épocas”.<sup>43</sup>

Em 1950, Carpeaux torna-se redator de editoriais de política internacional no *Correio da Manhã*, função que exercerá até o silenciamento político de que será vítima em meados dos anos 1960. Em 1951,<sup>44</sup> vem a público um livro singular na obra de Carpeaux e também no âmbito da crítica nacional: a *Pequena bibliografia crítica da literatura brasileira* (Serviço de Documentação do MEC), trabalho pioneiro ofertado aos leitores do país que o acolheu como resultado de seu esforço pessoal em desbravar a *selva oscura* que a literatura nacional lhe propunha, algo que, nota Carpeaux, não parece ser exclusividade do estrangeiro, já que o termo amplia-se para comportar “qualquer pessoa que pretende orientar-se em assunto tão difícil”.<sup>45</sup> Nos sucintos perfis de escritores ali esboçados, não parece haver nada de propriamente original e sim um levantamento condensado das percepções gerais àquela altura sobre os autores, orientação expressa no prefácio, em sua clara metodologia de não ser “mais uma história da literatura brasileira e sim apenas o registro bibliográfico dos julgamentos já pronunciados”.<sup>46</sup> Há que se notar, no entanto, que mesmo reproduzindo juízos de ampla circulação, Carpeaux não deixa de dar uma contribuição em chave pessoal. Se a opção por termos geralmente entendidos como escolas literárias cheira a manual, o crítico propõe algo semelhante à baliza estilístico-sociológica que orientou sua *História da literatura ocidental*: a adoção de “critérios estilísticos” que dissolvem a pretensa unidade dos gêneros e apresentam uma visão um pouco mais fluida entre os autores. Ainda que elencado sob o termo “Realismo”, partilhado com autores diversos como Manuel Antônio de Almeida, Capistrano de Abreu, Franklin Távora, entre outros, Machado

---

43 Ibidem, p. 104.

44 A maioria das fontes bibliográficas de Carpeaux indicam 1949 como o ano de publicação deste livro. No entanto, não é possível localizar qualquer edição com esta data. A razão deste provável equívoco parece residir na datação do prefácio, setembro de 1949, enquanto o frontispício do livro no qual figura indica 1951. A existência de certa defasagem entre a finalização de um livro e sua publicação é algo que Carpeaux experimentou mais de uma vez, inclusive nas edições subsequentes da *Pequena bibliografia crítica*. A segunda edição (1955) conta com um novo prefácio, datado do Natal de 1952, enquanto a terceira (1964), além de republicar os dois primeiros prefácios, acrescenta um novo, datado de junho de 1963. Além do rápido esgotamento da primeira edição, alegado no próprio prefácio, a proximidade entre a publicação da primeira edição (1951) e a escrita do segundo prefácio (1952) pode estar relacionada com os abundantes problemas de revisão que muito atribularam Carpeaux e que são apontados por Álvaro Lins em sua resenha, publicada originalmente no *Correio da Manhã* em 8 de março de 1952. Por fim, seria relativamente espantoso que Lins demorasse mais de dois anos para resenhar o livro do amigo. Ver LINS, Álvaro. “Bibliografia brasileira”. In: *Jornal de crítica – Sétima série*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1952, pp. 44-51.

45 CARPEAUX, Otto Maria. *Pequena bibliografia crítica da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação do MEC, 1951, p. 11.

46 Ibidem, p. 12.

de Assis, por exemplo, aparece aqui como escritor sem grupo (“Seria preciso afirmar a existência de um ‘grupo’ de que ele é o único membro”) e “maior figura” daquela literatura. E, lembra Carpeaux, a aplicação do termo realismo precisa se dar na filigrana que separa o “realismo psicológico” pensado por Dostoiévski da noção mais vulgarizada de “precursor do naturalismo”. Mas Machado é realista. E o “antirromântico’ mais definido da literatura brasileira”.<sup>47</sup>

Em 1953, Carpeaux retorna às coletâneas de ensaios com dois lançamentos: *Respostas e perguntas* e *Retratos e leituras*. A primeira destas, a menor das coletâneas, abre com o seu mais importante estudo sobre aquele que talvez seja o autor brasileiro mais recorrente nos escritos do crítico: Machado de Assis. Ao nos oferecer “Uma fonte da filosofia de Machado de Assis”, Carpeaux não procede ao mero desvelamento de influências – não se importando, inclusive, com sua comprovação –, mas sugere uma afinidade de espírito entre o delírio de Brás Cubas e o “Dialogo della Natura e di un islandese”, que integra a prosa das *Operette morali* do poeta italiano Giacomo Leopardi, vislumbrando, inclusive, uma dimensão de lucidez em meio ao delírio do personagem machadiano que a fonte italiana permite revelar. O que parece essencial no díptico leopardiano, completado mais tarde pelo artigo “Um poeta materialista”,<sup>48</sup> é a caracterização do materialismo partilhado pelos autores não em chave filosófica, mas como atitude em face das coisas do mundo e, por isso mesmo, sem a pretensão das teorias de que Machado tanto se valeu ironicamente. A seleta conta ainda com estudos sobre a contística de Tchekhov, observações curiosas sobre o “Destino do romance policial” e um importante ensaio de literatura comparada, “A torre”, que relaciona *La vida es sueño* (Calderon de la Barca) e *Der Turm* (Hofmannsthal).

Entre diversos textos memoráveis, *Retratos e leituras* traz duas instigantes leituras shakespearianas de *Romeu e Julieta* e *Macbeth* em “*Both your houses*” e “As bruxas e o porteiro”, respectivamente, e, em “*Ulysses*”, uma excelente e pioneira análise da obra mais famosa de James Joyce. Outros autores abordados são Hans Christian Andersen, Baudelaire, Jonathan Swift, E. M. Forster via Lionel Trilling, Rilke,

---

47 Ibidem, p. 119.

48 Idem. “Um poeta materialista”. *A Tribuna*, Santos, 21 ago. 1955; *O Jornal*, Rio de Janeiro, 21 ago. 1955. Agradeço ao professor Hélio Seixas Guimarães (FFLCH-USP) por me apresentar este ensaio.

Manzoni, além de algumas interessantes “Reminiscências vienenses”, um dos raros empenhos memorialísticos do crítico.

Os títulos destas duas seletas coevas, que não apresentam divisão interna e são, também, as duas mais breves do autor, parecem apontar para certa caracterização do método de Carpeaux, que oscila entre a apresentação, consideravelmente sintética, de um amplo escopo informativo sobre o objeto em questão, resvalando por vezes em certos generalismos (seja pela organização de respostas cristalizadas pela crítica precedente ou pela composição de um retrato pouco original), e o salto crítico mais ostensivo, também ele sintético, presente nas perguntas com que escrutiniza a tradição ou na proficuidade autoral de suas leituras mais analíticas. Embora haja considerável verdade na observação de Antonio Candido de que Carpeaux é essencialmente um crítico “informativo” e menos dialético do que alardeia,<sup>49</sup> penso que seu ímpeto crítico reside no posicionamento adequado dos problemas e em certos rompantes iluminadores que carregam em si algo do elã poético na “audácia de exprimir suas próprias verdades pessoais”,<sup>50</sup> sendo um dos melhores exemplos o ensaio sobre a cena do porteiro em *Macbeth*, que brevemente evoca a já clássica leitura de Thomas De Quincey para transcendê-la, apontando que, a despeito de um portentoso monólogo sobre som e fúria feito pelo protagonista, ressoa “a vida comum, a do homem comum – grosseira, plebeia sem barulho nem fúria, mas cheia da significação das coisas elementares, primitivas”.<sup>51</sup>

Em 1958, Carpeaux publica *Presenças*, coletânea que abarca Dickens, Albert Camus, Manuel Bandeira, Jorge Luis Borges, Joyce, Shakespeare, Fernando Pessoa, Graham Greene. Além destes, o livro conta um belíssimo prefácio a *La divina incréncia* (1925), do poeta ítalo-paulista Juó Bananère (“Uma voz da democracia paulista”), delineia com lirismo comedido um retrato de sua cidade brasileira predileta em “Elogio de Ouro Preto”, e dirige ao leitor uma curiosa pergunta: “pode um assassino escrever um bom poema?”, formulada a partir da obra do poeta François Villon. Também neste mesmo ano sai *Uma nova história da música*

---

49 “Foi um grande erudito, um homem de informação fantástica. Agora, eu diria que ele tinha uma crítica mais informativa do que analítica.”; “Não estou de acordo, sobretudo, com o uso imoderado que faz o sr. Carpeaux do vocábulo dialética. Isso porque a dialética, para ele, é um processo parcial, aplicável apenas a certo tipo de desenvolvimento, sobretudo mental.” Tais comentários encontram-se, respectivamente, no Depoimento de Antonio Candido sobre Carpeaux e em sua resenha de *Origens e fins* (“Última nota”, *Folha da Manhã*. São Paulo, 28 mai. 1944), ambos transcritos nesta edição da *Teresa*.

50 CARPEAUX, Otto Maria. “Baudelaire e a liberdade”. In: *Ensaio reunidos – Vol. I*. Op. cit., p. 578.

51 Idem. “As bruxas e o porteiro”. *Ensaio reunidos – Vol. 1*. Op. cit., pp. 549-550.

(Zahar), compêndio polifônico em sua abordagem enciclopédica e simultaneamente pessoal dos compositores elencados. Se a obra não se tornou referência em seu campo específico de estudos, continua uma leitura instigante enquanto manifestação organizada de um dos principais interesses do crítico em sua sutil construção de liames entre a música europeia e as manifestações brasileiras.

Em 1960, vem a público a última coletânea de ensaios “inéditos”, *Livros da mesa*. Trata-se de textos provenientes, com algumas alterações, da coluna homônima veiculada pelo *Correio da Manhã* e pelo *Estado de S. Paulo*, entre outros periódicos. Após uma relativa ausência de estudos sobre escritores brasileiros nas coletâneas anteriores, *Livros na mesa* possui metade de toda sua extensão dedicada às questões nacionais, subdividida em crítica, poesia e romance brasileiro. Ponto de chegada que antecipa a dedicação posterior do crítico aos problemas políticos brasileiros, a coletânea parece fechar um arco aberto com “Álvaro Lins e a literatura brasileira” (1943), no qual encontramos a percepção de Carpeaux de que o romance brasileiro ainda não constitui um mundo “definido e definitivo”, mas no qual já despontam manifestações fundadoras como o romance psicológico, derivado de Machado de Assis e Raul Pompéia, e o romance regionalista corporificado em José Lins do Rego.<sup>52</sup> Quase duas décadas depois, no entanto, o crítico afirma, em “Autenticidade do romance brasileiro”, que “só em nossos dias pode-se falar do romance brasileiro como de um *corpus*, quase de uma enciclopédia da vida brasileira”,<sup>53</sup> e, no ensaio que encerra o livro, identifica em *O trapicheiro* (1959), primeiro livro da trilogia *O espelho partido*, de Marques Rebelo, “o epílogo de uma época que, embora política e socialmente triste, foi a maior, até a agora, da literatura brasileira”.<sup>54</sup>

Em 1964 – data crucial que testará os limites de sua integração brasileira –, Carpeaux publica *A literatura alemã* (Cultrix), uma breve história da tradição literária mais próxima de sua formação. Nesta obra de síntese, evitando os sectarismos que comumente se imiscuem em tal tarefa, Carpeaux procura ofertar “um panorama imparcial e uma visão atualizada” de tal literatura, de modo que seu empenho possa

---

52 Idem. “Álvaro Lins e a literatura brasileira”. *Origens e fins*. Op. cit., pp. 355-365.

53 Idem. “Autenticidade do romance brasileiro”. *Ensaio reunidos – Vol. I*. Op. cit., pp. 882-883.

54 Idem. “Suma de época”. In: *Ensaio reunidos – Vol. I*. Op. cit., p. 906.

se materializar em “modesto serviço prestado à cultura brasileira”.<sup>55</sup> A fusão entre o acúmulo informativo, lastreado em bases teóricas, e certos lampejos ensaísticos, decorrentes, muitas vezes, de influxos comparatistas, parece dar o tom do livro, embora se possa notar em sua narrativa ampla e fluida certo excesso de nomes menos relevantes e a presença de interpretações marcadamente idiossincráticas.<sup>56</sup>

Com dez livros publicados no Brasil desde sua chegada em 1939, a trajetória intelectual de Carpeaux parecia mais do que consolidada. Há que se notar, no entanto, que se ele obteve amplo reconhecimento por sua atuação como crítico literário – a despeito de desafetos como Rubem Braga e Jorge Amado, além de campanhas de difamação, com motivada pela crítica de Carpeaux a Romain Rolland<sup>57</sup> –, tal tratamento não se estendeu a seus livros de ensaios. Salvo engano, nenhuma de suas coletâneas, publicadas por pequenas editoras, foi reeditada em vida. Mais curioso ainda é que, sendo amigo próximo de importantes nomes do time de escritores publicados pela Livraria José Olympio Editora, como Graciliano, José Lins do Rego e Álvaro Lins, não tenha se tornado ele mesmo um dos autores da casa. Por outro lado, seu trabalho como organizador e prefaciador de diversas edições da Editora Civilização Brasileira foi amplo e notável, sem mencionar a grande empreitada dos nove volumes da *Antologia do Conto Russo* publicada pela editora Lux,<sup>58</sup> a escrita de múltiplas orelhas e ocasionais traduções.<sup>59</sup>

---

55 Idem. *História concisa da literatura alemã*. Posfácio de Willi Bolle. São Paulo: Faro Editorial, 2013, p. 8.

56 THEOBALD, Pedro. *Formas e tendências da historiografia literária: o caso da literatura alemã no Brasil*. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008, pp. 75-82.

57 Os ecos amargurados de tais campanhas tornam-se evidentes na correspondência de Carpeaux com Sérgio Milliet (da qual incluímos uma carta nesta edição da *Teresa*) e, como mostra Ventura, com Gilberto Freyre. Ver VENTURA, Mauro Souza. “Mediação e legitimação em Otto Maria Carpeaux”. In: *A crítica e o campo do jornalismo*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015, pp. 51-67. Para um bom entendimento da questão Romain Rolland e seus agentes, desencadeada pelo artigo de Carpeaux “A morte de Romain Rolland” (*Revista do Brasil*, dez. 1943), ver o estudo de Andreas Pfersmann: “Otto Maria Carpeaux, Romain Rolland et le modèle français. Une controverse politico-littéraire dans le Brésil des années 1940”. *Remate de males*, n. 341. Campinas, jan./jun. 2014, pp. 221-234. Para uma visão mais abrangente das relações epistolares entre Carpeaux e Freyre, ver o artigo de Silvana Morelli Vicente Dias presente nesta edição da *Teresa*.

58 Uma excelente análise do contexto de produção e publicação da antologia pode ser lida em PELISSARO, Bárbara Rosa. *Do nobre ao soviète: “Antologia do conto russo”, Editora Lux Ltda*. Dissertação (Mestrado em Literatura e Cultura Russa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), Universidade de São Paulo, 2013.

59 O mapeamento das traduções de Carpeaux ainda está por ser feito, podendo-se destacar, por ora, a tradução de aforismos de Kafka (“Franz Kafka – 20 aforismos”, *Revista do Brasil*, dez. 1943); a tradução abortada de *O processo*, noticiada pelo próprio crítico (“A linguagem de Kafka”, *O Jornal*, jan. 1944) e discutida no artigo de Zeidler Filho (“Os ‘livros perdidos’ de Otto Maria Carpeaux”); a novela *Don Juan*, de Hoffmann, incluída na antologia *Novelas alemãs* (Cultrix, 1963), organizada e prefaciada pelo próprio Carpeaux; e uma versão condensada do romance *A ilha nos trópicos* (Reader’s Digest, 1957), de Alec Waugh. Esta última foi localizada há pouco tempo pelo editor e pesquisador Eduardo Zomkowski.

Diante disso, é importante ressaltar o *locus* esquivo de Carpeaux no âmbito da crítica literária, que podemos desdobrar em dois níveis. Primeiramente, o período de atuação de Carpeaux como crítico marca a passagem, estudada por Flora Süssekind,<sup>60</sup> da crítica literária “impressionista” para a figura do crítico profissional, associado à universidade. Enquanto uma figura como Antonio Candido ilustra perfeitamente essa passagem e a constituição do lugar de fala hegemônico da universidade, Carpeaux permaneceu fiel à instância jornalística de modo que, como sugere Ventura,<sup>61</sup> sua produção precisa ser pensada a partir da tensão constitutiva entre o campo da crítica literária impressionista e as instâncias de difusão e legitimação do saber cultural, o que nos ajuda a entender sua ainda exígua fortuna crítica na universidade, lugar que efetivamente nunca habitou. Paradoxalmente, é na crítica universitária, através de nomes como Antonio Candido, Alfredo Bosi, Zenir Campos Reis, Mauro Ventura, entre alguns outros, que o legado crítico de Carpeaux encontra-se vivo, inspirando uma lenta mas progressiva renovação de interesse por seus escritos.<sup>62</sup>

O segundo aspecto se refere ao próprio deslizamento entre a herança formativa europeia e a especificidade da matéria brasileira que Carpeaux passa a progressivamente se interessar. Ainda que juridicamente cidadão brasileiro, Carpeaux jamais perde de vista seu viés formativo, entabulando um jogo dialético constante entre as instâncias europeia e brasileira. Vejamos um exemplo. No ensaio “*Oblómov* – documento, romance, epopeia”,<sup>63</sup> de *Origens e fins*, Carpeaux propõe como razão de sobrevivência dos grandes romances a incorporação de “elementos de epopeia”, explicando tal asserção a partir de diferentes modalidades de experiência, em que às “formas da atividade”, próprias do romance, opõem-se as formas estáticas, típicas da epopeia enquanto “pintura a fresco”. A ideia de um mundo de “madureza estival”, chamado a desaparecer, marcado pela paralisia e pela decadência das quais o protagonista do romance de Ivan Gontcharóv emerge como símbolo – “um dos heróis típicos da humanidade”, ladeado por Faustos, Hamlets

---

60 SÜSSEKIND, Flora. *Papéis colados*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993.

61 VENTURA, Mauro Souza. “Formação do campo da crítica no Brasil: a contribuição de Otto Maria Carpeaux”. *Conexão* (UCS), v.8, 2009, pp. 105-116.

62 Em “Perspectivas da interpretação: Carpeaux e sua fortuna crítica”, presente nesta edição da *Teresa*, procuro apresentar brevemente o conjunto de estudos universitários dedicados ao crítico, ressaltando a importância destes nomes e o atual estado da pesquisa.

63 CARPEAUX, Otto Maria. “*Oblómov* – documento, romance, epopeia”. In: *Origens e fins*. Op. cit., p. 105-113.

e Quixotes e cuja força épica residiria em sua recusa ao mundo da produtividade que se assentava na Rússia de então – é parte de uma leitura mais ampla de Carpeaux sobre o romance de 30, como se percebe na aproximação de Gontcharóv com Graciliano em “Visão de Graciliano Ramos” e com José Lins do Rego (que também aparece neste ensaio) em “O brasileiríssimo José Lins do Rego”, textos pertencentes a um mesmo período de produção.

Ao longo do percurso interpretativo, Carpeaux articula sua argumentação pelo deslocamento de referenciais imediatamente estrangeiros (o romance russo e seu contexto crítico-social) para zonas de reconhecimento do leitor nacional pela sugestão de uma paridade de experiência presente na leitura de *Oblómov* por um russo de 1859 e de *Casa-grande e Senzala* (1936), de Gilberto Freyre, por “um brasileiro contemporâneo”. Tal leitura instila sensações mistas de saudade de uma época patriarcal perdida com anseios de reforma radical contra a opressão do regime latifundiário, o que, em sua versão russa, corresponderia, brasileirissimamente, à passagem do “banguê” à “usina”, isto é, do mundo dos “bons velhos tempos” ao da “grande reforma” posta em prática pela abolição da servidão camponesa em 1861. A interpretação de Carpeaux aproveita ainda para discutir o estatuto das formas literárias e da técnica novelística para além de definições redutoras de manual, irmanando os três autores, Gontcharóv, Freyre e Lins do Rego, em sua capacidade de superação do substrato documental em obras de arte cuja realização as eleva à “dignidade da epopeia”.

Neste tipo de articulação, baliza imanente ao *modus operandi* do crítico, destaca-se a ideia de síntese enquanto método interpretativo, que, como propõe Alfredo Bosi, mescla elementos do culturalismo alemão (sobretudo Wilhelm Dilthey) com o apuro estilístico de seus contemporâneos (Leo Spitzer, Erich Auerbach, Dámaso Alonso) de modo a produzir textos em que a apreensão precisa do particular encontra-se sempre alicerçada no caldo cultural formativo do autor em análise, o que, no nosso caso, dá-se pela gradual incorporação dos problemas da realidade brasileira, transfigurados por sua literatura, à vasta *paideia* da cultura ocidental.<sup>64</sup>

Há, também, um sentido ainda mais específico de síntese, atrelado ao fenômeno do romance brasileiro. Em entrevista a Almeida Fischer,

---

64 BOSI, Alfredo. “Sobre Otto Maria Carpeaux”. In: *Entre a literatura e a história*. São Paulo: Editora 34, 2013, pp. 405-421.

Carpeaux vê na literatura de Graciliano Ramos aquilo que parecia impossível, a síntese das correntes regionalista e intimista “em equilíbrio definitivo”, o que, se por um lado faz-se como superação, por outro torna evidente “que uma fase da evolução do romance brasileiro chegou ao fim”.<sup>65</sup> Anos mais tarde, Carpeaux parece recompor os elementos dessa síntese na tensão intrínseca entre a *veritas* (a verdade profunda do eu, buscada pelo romance intimista) e a *realitas* (os dados da história e da realidade objetiva), cujo equilíbrio constitui o “problema do romance brasileiro”, como ele propõe no já aludido “Autenticidade do romance brasileiro”.<sup>66</sup> Se a fórmula se presta ao entendimento geral do problema, seu limite se dá na própria determinação de cada uma das instâncias, já que “existem tantas espécies de romance quantos romances existem”, como propõe em “Suma de época”, do mesmo volume. Consciente de que toda síntese é provisória, o que Carpeaux nos oferece, no seu contínuo confrontar-se com a individualidade das obras, é a passagem possível pela qual a literatura brasileira se alteia à mundial não por submissão ou condescendência, mas sim, como propõe Auerbach, como “pano de fundo variado para um destino comum”, construído pela “fecundação recíproca de elementos diversos”.<sup>67</sup>

Se for possível traçar uma linha imaginária entre o Carpeaux das letras e o da política, ela pode ser encontrada em sua coletânea de “despedida”, *Vinte e cinco anos de literatura*, publicada no emblemático ano de 1968, congregando textos publicados ao longo das duas décadas e meia de crítica literária e, em sua maioria, já disponíveis nas seletas anteriores. Entre os textos assim “inéditos”, destacam-se o divertido “Meus encontros com Kafka”, o belo depoimento “Meu Dante” e o pungente prefácio a *João Ternura*, “Presença de Aníbal”. Na “Nota prévia” ao volume, frequentemente citada, diz Carpeaux que um amigo estimara que ele teria escrito por volta de 1.500 artigos sobre literatura, com pouco menos de duzentos reunidos em livro àquela altura (e, atualmente, pouco mais de quatrocentos). Daí a ideia da nova coletânea, na qual comparecem, após seleção rigorosa, apenas artigos que “possam inspirar interesse ao círculo de amigos da literatura”. No entanto, adverte Carpeaux, ele mesmo não se considera mais parte deste círculo:

---

65 CARPEAUX, Otto Maria. Entrevista a Almeida Fischer. *Letras e Artes*, Rio de Janeiro, 4 maio 1947.

66 Idem. “Autenticidade do romance brasileiro”. Op. cit., pp. 881-884.

67 AUERBACH, Erich. “Filologia da literatura mundial”. In: *Ensaio de literatura ocidental*. Organização de Davi Arrigucci Jr. e Samuel Titan Jr. Tradução de Samuel Titan Jr. e José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Editora 34; Duas Cidades, 2007, p. 357.

“Considero encerrado o ciclo. Minha cabeça e meu coração estão em outra parte. O que me resta, de capacidade de trabalho, pertence ao Brasil e à luta pela libertação do povo brasileiro”.<sup>68</sup>

## 5. A POLÍTICA DAS LETRAS

Desde 1950, Carpeaux era editorialista e responsável por textos de política internacional no *Correio da Manhã* e, assim como muitos, não deixou de fazer oposição ao governo João Goulart, posição majoritariamente assumida pela grande imprensa da época, como no caso dos emblemáticos editoriais “Basta!” e “Fora!”, de 31 de março e 1º de abril de 1964, respectivamente. No entanto, a emergência do golpe de 1964 foi rapidamente percebida por Carpeaux e diversos outros intelectuais como inalienável ruptura democrática que exigia respostas imediatas, como se deu com o editorial “Terrorismo, não!”, de 3 de abril. Assim como Antônio Callado e Carlos Heitor Cony, seus amigos, Carpeaux valeu-se do *Correio* como trincheira de resistência cultural, produzindo textos de grande inteligência e posicionamento inequívoco.

O conjunto de artigos publicados entre 5 de abril e 18 de outubro de 1964 foi reunido em *O Brasil no espelho do mundo*, lançado em 1965 pela Civilização Brasileira e, segundo Alfredo Bosi, tais textos devem ser lidos em paralelo com *O ato e o fato* (1964), de Cony.<sup>69</sup> Por meio da consulta recorrente a periódicos europeus e norte-americanos, Carpeaux oferta a seus compatriotas uma outra imagem do Brasil, livre do concubinato entre grande imprensa e propaganda oficial. Além disso, o *locus* deslizante anteriormente descrito, sobre os escritos literários, não apenas permanece como adquire novos âmbitos de significação nas leituras políticas de Carpeaux. A emergência da ditadura brasileira não é vista como fato isolado. Tal reflexão torna-se explícita no título de outra coletânea, publicada no mesmo ano e pela mesma editora, reunindo artigos publicados no *Correio* entre outubro de 1964 e junho de 1965: *A batalha da América Latina*.

Em ambas as coletâneas, o viés comparatista da abordagem permite a construção de um ponto de vista simultaneamente incisivo e distanciado, alicerçado na ideia de uma “linguagem esópica” enquanto meio efetivo de alegorização do presente, como mostra o importante

---

68 CARPEAUX, Otto Maria. *Vinte e cinco anos de literatura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968, p. XIV.

69 BOSI, Alfredo. “Relendo Carpeaux”. In: *Três leituras*. Machado, Drummond, Carpeaux. São Paulo: Editora 34, 2017, p. 79.

estudo de Eduardo Gomes Silva.<sup>70</sup> Embora infenso ao particularismo universitário ultimado, o método literário de Carpeaux apoia-se frequentemente no gesto comparatista, sem teorização precisa, que se vale produtivamente de anacronismos e deslocamentos. Caminho perigoso, “presente de gregos”, a senda comparativa pode desencaminhar uma análise fecunda, tornando-a “passeio ameno e instrutivo pelos vários jardins das literaturas europeias”, como aponta Candido em relação a certos ensaios de Carpeaux.<sup>71</sup> No contexto político dos anos 1960, todavia, “os anacronismos são, infelizmente, um fato”.<sup>72</sup> A fim de iluminá-los, Carpeaux entende ser preciso analisar os eventos políticos contemporâneos a partir de sua contraparte: “Pois a política interna e a política exterior de um país são inseparáveis, existindo cada uma delas em função da outra.”<sup>73</sup> Insere-se, assim, uma vereda especularmente sugestiva, fiada pela compreensão analógica: o que se passa no mundo, de Genebra a Quito, é, também, *res nostra*.<sup>74</sup>

Por seu caráter breve e incisivo, os artigos nem sempre alcançam o caráter ensaístico das exegeses literárias de Carpeaux, possuindo antes uma dimensão de urgência e intervenção, em que se nota, sobretudo, o anseio pelo esclarecimento público das questões prementes, esmiuçando meneios ideológicos e pretensas coincidências.<sup>75</sup> Ao conjunto composto pelos dois livros, que congregam mais de 130 artigos publicados no *Correio*, Carpeaux apõe como abertura do segundo volume um estudo intitulado “Batalhas e guerra da América Latina”, que principia pela vigorosa análise de um elemento central da ideologia norte-americana: “No princípio eram o céu e a terra e a Doutrina Monroe. E com a Doutrina Monroe começou a falsa interpretação dela e começou a falsificação da história.”<sup>76</sup> A partir disso, o crítico desvela uma história

---

70 SILVA, Eduardo Gomes. *Imagens de Otto Maria Carpeaux: esboço de biografia*. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

71 CANDIDO, Antonio. “Última nota”. Op. cit.

72 CARPEAUX, Otto Maria. “Introdução”. In: *O Brasil no espelho do mundo: crônicas de política internacional e nacional*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965, p. 3.

73 Ibidem, p. 1.

74 De forma bastante didática, diz Carpeaux em outro artigo: “O ofício de comentarista de assuntos internacionais não se pode, evidentemente, limitar a satisfazer a curiosidade natural sobre acontecimentos em regiões e países mais ou menos remotos. A verdadeira tarefa é a de ampliar os horizontes, para que a política nacional não se transforme em discussões de campanário.” CARPEAUX, Otto Maria. “As analogias e a diferença”. In: *O Brasil no espelho do mundo*. Op. cit., p. 104.

75 Ver, neste sentido, os artigos “Revolução e legitimidade” e “Os estudantes e a coincidência”, ambos recolhidos em *O Brasil no espelho do mundo*.

76 CARPEAUX, Otto Maria. “Batalhas e guerra da América Latina”. In: *A batalha da América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965, p. 3.

expansionista de iniquidades, como, por exemplo, o Tratado de Guadalupe, que obrigou o México a ceder aos EUA mais da metade de seu território, e a ajuda interesseira na conquista da independência de Cuba e de Porto Rico. Comentando a porosidade caprichosa dos princípios de não intervenção entre Estados americanos, nota Carpeaux que o maior interesse dos EUA era o de “manter a paz interna em todos os países do continente e garantir a estabilidade política, mesmo ao preço de reconhecer ditaduras”.<sup>77</sup>

A erupção de uma forte instabilidade interna, nota humoristicamente o crítico, pode levar à alteração do próprio caráter nacional, como se deu com os americanos a partir de 1929, que, ocupados em restabelecer sua economia perturbada, “perderam temporariamente o gosto de perturbar a vida dos outros”.<sup>78</sup> Mas a estabilidade continental não podia ser alcançada, pois “são as ditaduras que criam a instabilidade” e, mais do que isso, o não intervencionismo fracassou porque estava circunscrito unicamente ao âmbito político-militar, permanecendo altamente vigente na economia. Além disso, se o *big stick* não devia mais ser empunhado pelos EUA, mas terceirizado para os próprios países (com fortíssimo apoio diplomático-militar dos EUA, naturalmente), a sucessão de golpes que acometeram diversos países latino-americanos (Equador, República Dominicana, Argentina, Guatemala, El Salvador, Honduras, Bolívia...) desde 1961, “sempre com a participação ativa dos embaixadores dos Estados Unidos nesses países”, apenas ratifica tal postura. Sobre o caso brasileiro, então ainda muito recente, Carpeaux é bastante sutil nesta introdução. Se em 25 de março de 1964 o subsecretário norte-americano anunciara uma nova abordagem em relação aos golpes, que “já não estariam sistematicamente infensos aos governos de fato”, apenas seis dias depois, nota Carpeaux, “mudou o regime político do maior dos países latino-americanos”.<sup>79</sup>

O que parece vital nas análises políticas de Carpeaux é a necessidade de guardar a razão, de não ceder à manipulação da propaganda oficial nem ao inflamatório da resistência palavrosa e destemperada. Diante de uma política que promove “a transformação da mentira em dogma e a inversão de todos os valores verbais e factuais”,<sup>80</sup> em que

---

77 Ibidem, p. 13.

78 Ibidem, p. 12.

79 Ibidem, p. 21.

80 Ibidem, p. 22.

implantar ditaduras é defender a democracia e violar direitos é meio de salvaguardá-los, só há uma defesa possível, como ele nos alerta na abertura de *O Brasil no espelho do mundo*: “Nossas únicas armas contra isso são a compressão clara dos fatos, a análise correta da realidade”.<sup>81</sup>

Como seria de esperar, o forte pendor oposicionista não passaria em branco pela censura progressivamente instalada no país: em 1966, Carpeaux teve sua coluna de política internacional suprimida e foi proibido de assinar quaisquer matérias política no *Correio da Manhã*, o que ocasionou sua saída. Aos poucos, as diversas vias jornalísticas em que atuava vão lhe fechando as portas. A quase total indisponibilidade de trabalho na imprensa o conduzirá a um empreendimento para o qual era extremamente capacitado, a redação de verbetes enciclopédicos, começando em 1966 como coeditor da *Grande Enciclopédia Delta-Larousse* e mais tarde, em 1971, como colaborador da *Enciclopédia Mirador Internacional*. Nesse período turbulento, Carpeaux marcou presença em diversas publicações hostis ao regime militar, o que costuma explicar sua curta duração: *Folha da Semana*, editado por Arthur Poerner; o jornal *Reunião*, editado por Ênio Silveira e dirigido por Paulo Francis; a revista *Política Externa Independência*, vinculada à *Civilização Brasileira*; e os jornais *Amanhã*, dos estudantes da Faculdade de Filosofia da USP, e *O Sol*. Nesta última publicação, Carpeaux teria publicado uma primeira versão, não assinada, do seu retumbante texto “FMI: fome e miséria internacionais”, republicado com o título completo no jornal *Afirmção*,<sup>82</sup> que lhe custara um inquérito instalado pela Polícia Federal por infrações à 3ª Lei de Segurança Nacional. O inquérito perdurou até 10 de fevereiro de 1972, quando Carpeaux recebeu “voto de isenção de culpa na 1ª auditoria da Marinha”.<sup>83</sup>

Para além da escrita na imprensa alternativa, Carpeaux fez-se ouvir de outras formas neste período turbulento. Se quando jovem, em Berlim, havia escrito roteiros de cinema mudo, em 1967 seria ele mesmo o protagonista de um curta-metragem de 30 minutos, filmado em 16 mm e dirigido por Maurício Gomes Leite. *O velho e o novo (Otto Maria Carpeaux)*. Mesclando imagens do passado nazista e da ditadura

---

81 CARPEAUX, Otto Maria. “Introdução”. In: *O Brasil no espelho do mundo*. Op. cit., p. 3

82 Idem. “FMI – Fome e Miséria Internacional”. *Afirmção*, Maringá, n. 2, out. 1967.

83 BOSI, Alfredo. “Relendo Carpeaux”. Op. cit., p. 81.

então vigente, o filme constitui uma espécie de retrato do Carpeaux progressivamente exilado em seu próprio país de exílio, fora dos círculos literários e sem espaço na imprensa tradicional. Em seu tênue enredo, somos também apresentados a Martha, uma jovem estudante de sociologia de 22 anos, interpretada pela atriz Lygia Sigaud, que conecta espectador e biografado a partir do gradual desvelamento deste, para o que contribuem as entrevistas realizadas pela jovem com amigos de Carpeaux como Carlos Drummond de Andrade e Alceu Amoroso Lima. Em seu desfecho, o filme traz o encontro entre Carpeaux e Martha e um possível diálogo que não se ouve. De acesso difícil, recuperar e disponibilizar *O velho e o novo*, seja na internet ou em mídia física, é tarefa urgente.<sup>84</sup>

A escolha da estudante como figura mediadora não foi aleatória. Desde a década de 1940, Carpeaux – cujos dois primeiros livros foram editados pela Casa do Estudante do Brasil – cultivou o diálogo com a classe estudantil, depositando suas esperanças de futuro político e contribuindo, sempre que requisitado, com os mais diversos jornais de agremiações estudantis (oficiais e alternativos), o que torna a tarefa de rastrear a extensão de sua produção bibliográfica algo praticamente irrealizável. A admiração era recíproca, como se pode notar pela presença de Carpeaux como paraninfo das mais diversas turmas universitárias, acompanhada de discursos diretos e enfáticos, em que a gagueira habitual, por vezes, não parecia constituir entrave.<sup>85</sup> É preciso observar ainda que a abertura para o diálogo da parte de Carpeaux não se estendia apenas aos estudantes ou a seus companheiros de geração, abrangendo toda uma jovem camada intelectual para qual sua figura representava um alicerce ético-literário, na qual se incluem, entre outros, Carlos Heitor Cony, Sebastião Uchoa Leite e Ivan Junqueira.<sup>86</sup> Exemplo marcante da ressonância deste diálogo encontra-se em uma curiosa dedicatória presente na biblioteca pessoal do crítico salvaguardada na Biblioteca Mário de Andrade, em São Paulo. Trata-se de uma edição de *O Inspetor geral*, de Nikolai Gógol, assinada por membros do grupo teatral Opinião,

---

<sup>84</sup> Mesmo entre os especialistas, poucos conseguiram assistir ao filme, o que torna a análise feita por Eduardo Gomes Silva presente em sua tese e no artigo incluído nesta edição da *Teresa*, da qual nos valem para compor este parágrafo, ainda mais relevante.

<sup>85</sup> Para uma leitura mais detalhada sobre os discursos de formatura, ver o artigo citado de Eduardo Gomes Silva e o Depoimento de Antonio Candido presentes nesta edição da *Teresa*.

<sup>86</sup> Ver, por exemplo, CONY, Carlos Heitor. “Relembrando Otto Maria Carpeaux”. *Folha de S.Paulo*, 3 fev. 2006; LEITE, Sebastião Uchoa. “Carpeaux e Alexandria”. In: CARPEAUX, Otto Maria. *Reflexo e realidade*. Op. cit., pp. 7-21; JUNQUEIRA, Ivan. “Mestre Carpeaux”. In: CARPEAUX, Otto Maria. *Ensaios reunidos – Vol. II*. Rio de Janeiro: Topbooks; UniverCidade, 2005, pp. 17-45.

então na faixa dos trinta e poucos anos: Ferreira Gullar, João Das Neves, Denoy de Oliveira, Thereza Aragão e Pichin Piá. Na dedicatória ao crítico de 67 anos, lê-se: “Ao mestre e companheiro Otto Maria Carpeaux”.<sup>87</sup>

Os escritos políticos de Carpeaux ainda demandam estudos aprofundados, seja no âmbito de sua inserção no debate de ideias e de resistência cultural, seja em suas especificidades de linguagem e estilo, de apurada concisão e expressividade. Um passo inicial necessário é a republicação destes dois livros de 1965 em edições críticas fartamente anotadas, capazes de contextualizar adequadamente as intervenções à luz dos debates então vigentes e dos referenciais internacionais mobilizados pelo crítico. Outro ponto fundamental é o rastreamento e estudo de suas publicações políticas na imprensa alternativa,<sup>88</sup> bem como uma descrição minuciosa dos ciclos de sociabilidade<sup>89</sup> experimentados por ele como partícipe de publicações oposicionistas como – além das mencionadas anteriormente – o jornal *Opinião* (1972-1977), a revista *Argumento* (1973-1974) e as publicações e projetos editoriais das editoras Civilização Brasileira e Paz & Terra.

A partir disso, talvez possamos compreender melhor as tensões do pensamento político de Carpeaux, sua abertura para o novo e a disposição eminentemente engajada de seus últimos anos. Encampar uma posição política inequívoca, da qual se fora reticente no passado, não implica um caminho sem volta em direção à esterilidade intelectual. Para alguém intimamente perceptivo ao caráter perverso das ideologias – “São as ideologias de toda a ordem que se opõem à compreensão do mundo”, diz ele em “Poesia e ideologia”<sup>90</sup> –, a convicção da escolha política não parece mero deslumbramento ou adesão oportunista. Pelo contrário, tendo-lhe custado o emprego em que se empenhara desde sua chegada ao país, a escolha parece ter algo da sinceridade da poesia, ou seja, “a garantia da concordância entre a ordem interior, pessoal, e a ordem do mundo”.<sup>91</sup> Mas

---

<sup>87</sup> Marcado por um teatro de protesto e resistência, o grupo surge como reação ao golpe militar de 1964, perdurando até 1982. Levou ao palco uma versão da peça de Gógol em 1967, com direção de Benedito Corsi, cenografia e figurino de Joel de Carvalho, tendo por elenco Suely Franco, Dulcina de Moraes e Thelma Reston.

<sup>88</sup> Em *Imagens de Otto Maria Carpeaux*, Eduardo Gomes Silva explora algumas destas publicações. O doutorado em andamento de Thiago Bicudo Castro, pesquisador da Unicamp, toma tais textos como seu objeto, procurando pensá-los em relação à formação do campo intelectual no período 1964-1968.

<sup>89</sup> A partir de algumas visitas dos editores à biblioteca do crítico, procurou-se descrever iconograficamente um pouco da sociabilidade literária de Carpeaux por meio da seleção de dedicatórias que ilustram esta edição da *Teresa*. Para uma breve apresentação da biblioteca, ver VENTURA, Mauro Souza. “A biblioteca final: surpresas e revelações”. *Revista da Biblioteca Mário de Andrade*, v. 63, 2007, pp. 26-35.

<sup>90</sup> CARPEAUX, Otto Maria. “Poesia e ideologia”. In: *Origens e fins*. Op. cit., p. 32.

<sup>91</sup> *Ibidem*, p. 35.

tal ordem é de feitura contínua e não guarda semelhanças com a que se procura falsamente legitimar. A construção dessa ordem é tarefa de todos, incluindo o “brasileiro naturalizado que escolheu esta terra para viver nela, trabalhar nela e ficar, um dia, nela sepultado”.<sup>92</sup>

## 6. DIALÉTICA DA LITERATURA BRASILEIRA

O ensaio liminar que marca o arquear-se do político sobre o literário na crítica de Carpeaux foi publicado fora do Brasil, em 1967, em um dossiê sobre o país organizado por Celso Furtado para a revista francesa *Les Temps Modernes*, dirigida por Jean-Paul Sartre. Além dos ensaios de Furtado e Carpeaux, a edição apresenta contribuições de Hélio Jaguaribe, Francisco C. Weffort, Fernando Henrique Cardoso, Florestan Fernandes, J. Leite Lopes, Jean-Claude Bernadet e Antônio Callado. O texto de Carpeaux, “*La littérature brésilienne: Du bovarysme à l’engagement*”<sup>93</sup> – que, junto com o restante do dossiê, foi rapidamente traduzido para o português e para o alemão<sup>94</sup> – principia por estabelecer a imanência política das literaturas latino-americanas, cujo efeito negativo é o de reduzi-las, no âmbito de seu interesse e exegese por um público estrangeiro, à dependência do noticiário político: “Todas as literaturas latino-americanas são essencialmente políticas. É um fato de consequências dolorosas. Produz outro fato, intrinsecamente estúpido: que o interesse do mundo pelas letras deste continente é provocado ou estimulado pelas convulsões políticas do mesmo”.<sup>95</sup>

Carpeaux crê que, no caso brasileiro, em algum momento este interesse rasteiro dará lugar ao anseio por compreender a expressão mais completa do país, “sua literatura”, estando já disponíveis os meios para tal empresa mediante o alargamento das traduções de autores nacionais. Os equívocos, no entanto, são legião: “os romances e novelas do nosso contemporâneo Guimarães Rosa, expressões de um mito do *hinterland* bárbaro e arcaico, foram saudados como desmentido, enfim,

---

<sup>92</sup> Idem. “Introdução”. In: *O Brasil no espelho do mundo*. Op. cit., p. 3

<sup>93</sup> Idem. “La littérature brésilienne: Du bovarysme à l’engagement”. *Les Temps Modernes*, n. 257, Paris, Gallimard, oct. 1967. Embora não seja um texto inédito, a importância e atualidade de suas questões nos parece justificar sua republicação (em português) nesta edição da *Teresa*, feita com o intuito de reincorporá-lo ao corpus ensaístico de Carpeaux. Uma breve análise deste texto, valendo-se da versão francesa, encontra-se no mestrado pioneiro de Maria do Carmo Malheiros Waizbort (*Um diálogo crítico: Otto Maria Carpeaux e as “ciências do espírito”*). Op. cit., pp. 87-95).

<sup>94</sup> Idem. “Dialética da literatura brasileira”. In: FURTADO, Celso. *Brasil: tempos modernos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968, pp. 157-168; Idem. *Dialektik der brasilianischen Literatur*. In: FURTADO, Celso. *Brasilien Heute*, Athenaeum Verlag, 1971.

<sup>95</sup> Idem. “Dialética da literatura brasileira”. Op. cit., p. 157.

às informações sobre o desenvolvimento industrial do Brasil e de suas grandes cidades.” Outra parte do problema estaria no gesto de selecionar o que deve ser traduzido, escolha que se deve amiúde a conluios diplomáticos e personalistas.

Entram aqui questões fundamentais enfeixadas na parte brasileira de *Livros na mesa*: valor literário, contribuição à literatura mundial, autenticidade. No primeiro caso, Carpeaux observa que “Não há literatura no mundo, por menos conhecida que seja, que não tenha criado certos valores específicos que não se encontram assim em outras línguas”.<sup>96</sup> Tal questão aparecera em “Problemas de história literária brasileira” (1959),<sup>97</sup> em que, discorrendo sobre as então recentes obras de Afrânio Coutinho (*A literatura no Brasil*) e Antonio Candido (*Formação da literatura brasileira*), Carpeaux não encampa plenamente o conceito de sistema literário, optando por pensar a literatura brasileira a partir da ideia de um equilíbrio entre o que é “especificamente literário” e o que é “especificamente brasileiro”. Diante da falência de uma estética dogmática, o crítico propõe a possibilidade de valorizar a literatura nacional pelo viés comparativo “como faria um estrangeiro suficientemente informado”, chegando a um entendimento dialético por meio da “sincronização das fases estilísticas da evolução da literatura universal e do espírito diferente das línguas”. As obras mais significativas nesse sentido seriam as que implicam uma contribuição brasileira à literatura universal e, se para Carpeaux elas parecem se avolumar a princípio na poesia, a prosa nacional também se impõe como problema crítico – vislumbrado na obra de Euclides da Cunha e na “contribuição originalíssima” do contemporâneo Guimarães Rosa – pela difícil distinção entre os valores estéticos e os propriamente brasileiros que acaba por exigir uma apurada conjunção das instâncias crítica e historiográfica dos estudos literários.

Uma contribuição original, entretanto, não implica autenticidade. Se o termo descolou-se da crítica histórica em sua verificação de autoria, e também do biografismo que anseia pela sinceridade autoral, na América Latina “a questão da autenticidade se refere a literaturas inteiras, globalmente”.<sup>98</sup> Experimentando uma falaciosa independência política,

---

<sup>96</sup> Ibidem, p. 161.

<sup>97</sup> Idem. “Problemas de história literária brasileira”. In: *Ensaio reunidos – Vol. I*. Op. cit., pp. 845-848.

<sup>98</sup> Idem. “Dialética da literatura brasileira”. Op. cit., p. 161.

refém da economia de suas metrópoles, os países latino-americanos devem também se questionar quanto à independência cultural: seria esta cultura efetivamente nossa ou ela apenas exprime “nossa situação de habitantes de colônias?”.

No caso brasileiro, trata-se, para Carpeaux, de uma “tomada de consciência histórica”, vital em um país que carece de historicidade estrutural. Em uma sociedade construída sobre o imóvel alicerce latifundiário, a própria literatura, enquanto expressão desta estrutura a-histórica (i.e., sem movimento dialético), é incapaz de qualquer historicidade real: “há apenas uma oscilação permanente entre um tradicionalismo falso e um vanguardismo tampouco autêntico”.<sup>99</sup> Enfileirando exemplos de vanguardismos que acabaram por se formalizar – do romantismo ao modernismo –, Carpeaux pondera, por exemplo, até que ponto a aparente “independência linguística” de Guimarães Rosa, radicalizando as conquistas precedentes de Mário de Andrade, não indicia de fato uma nova modalidade servil, reflexo de “experimentos análogos, feitos no mundo inteiro: Joyce, Michaux, Gadda, Arno Schmidt”.<sup>100</sup>

Na sequência, Carpeaux articula o núcleo da argumentação, presente de forma marcada no título em francês, o pêndulo entre *bovarysme* (ou colonialismo) e engajamento: “[a literatura brasileira hoje] oscila entre o desejo vanguardista de ser internacional (e exportável) e o desejo regionalista de ser “nacional” (e traduzível)”. A constituição de uma literatura efetivamente brasileira, para Carpeaux, afrontaria o imobilismo estrutural do país e o próprio *status* social de seus praticantes.<sup>101</sup> Tal dilema, no entanto, enfrenta uma imposição mais rígida pelos donos do poder. A possível construção de uma literatura nacional autêntica esbarra na ideologia tecnocrata-militar, importada sem concessões, que se afigura como “o último avatar do ‘bovarysme’”. É mais uma forma do colonialismo. Sob esse regime a literatura brasileira tem de perder as esperanças de se tornar autêntica.”<sup>102</sup>

Não se pode esquecer que Carpeaux escreve aqui para um público estrangeiro, o que o faz retomar questões que seus leitores brasileiros já estavam familiarizados. No entanto, como nota Maria do Carmo Malheiros Waizbort, “às vezes, ele critica aspectos da cultura brasileira

---

99 Ibidem, p. 162.

100 Ibidem, p. 163.

101 Ibidem, p. 164.

102 Ibidem, p. 166.

como um estrangeiro; outras, defende-a como um brasileiro”,<sup>103</sup> traslado que, como vimos, é marca distintiva de seu ofício crítico. Quando traduzido para o português, o texto teve o título alterado para “Dialética da literatura brasileira”, pondo em foco um termo fundamental do vocabulário crítico de Carpeaux, frequentemente mal compreendido. Como propõe Ventura, a *forma mentis* em Carpeaux não é o *parti pris* hegeliano, mas a “ambivalência das análises e o sentimento dos contrários”.<sup>104</sup> Sua dialética, portanto, deriva de “um movimento de pensamento e uma tensão conceitual que conduzem à ideia de ágon, de conflito trágico enquanto marca da condição humana”. Ao historicizar a literatura brasileira, Carpeaux alega que ela não tem história. Tal ausência, por sua vez, decorre da incompreensão agônica de parte desta literatura quanto à sua dependência neocolonial.<sup>105</sup> Com certo travo amargo, mas não de todo reticente, a pungência dos versos de Drummond – cuja poesia possuía valor eminentemente pessoal para Carpeaux – soa como recorrente staccato ao longo do ensaio: “Nenhum Brasil existe. E acaso existirão os brasileiros?”.<sup>106</sup>

Há, entretanto, algo que existe concretamente e precisa ser combatido: “Como adversário do novo regime não lhe posso negar, todavia, uma qualidade: é uma realidade.” O jugo dessa realidade tem-se feito excessivamente danoso, chave explicativa que impede a abertura de vias alternativas: “a miséria do povo é a realidade e os conservadores dizem que sempre foi assim e por isso sempre será assim; o analfabetismo é a realidade, mas a revolução social também foi uma realidade, embora a curto prazo, e agora a ditadura militar é a realidade.”<sup>107</sup> Contra a opressão da realidade, Carpeaux divisa o possível:

---

103 WAIZBORT, Maria do Carmo Malheiros. *Um diálogo crítico: Otto Maria Carpeaux e as “ciências do espírito”*. Op. cit., p. 88.

104 VENTURA, Mauro Souza. “Trajetória e legado de Otto Maria Carpeaux”. *Revista da Biblioteca Mário de Andrade*, v. 63, 2007, pp. 19-20.

105 Sobre o imbricamento e dissonância entre independência literária e política, ver esta importante observação de Roberto Schwarz a respeito de *Formação da literatura brasileira*, de Antonio Candido: “Por um lado, enquanto tarefa, [Candido] considera que a etapa da formação está concluída e que seu prisma já não tem razão de ser: a literatura brasileira existe e a rarefação da vida colonial foi vencida. Não obstante, em outro âmbito, a formação do país independente e integrado não se completou, e é certo que algo do déficit se transmitiu e se transmite à esfera literária, onde a falta de organicidade, se foi superada em certo sentido, em outro continua viva. Esta posição distanciada, mas não por completo, que de fato existe no livro em relação ao movimento de formação, representa um modo real e apropriado de consciência histórica” SCHWARZ, Roberto. “Os sete fôlegos de um livro”. In: *Sequências brasileiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, pp. 62-63.

106 ANDRADE, Carlos Drummond. “Hino nacional”. In: *Nova Reunião: 23 livros de poesia - Volume 1*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2009, p. 64.

107 CARPEAUX, Otto Maria. “Dialética da literatura brasileira”. Op. cit., pp. 166-167.

A literatura brasileira, como realidade, tem o ativo de alguns grandes escritores e obras; e hoje, de um número apreciável de talentos notáveis, na poesia, na ficção, no ensaio – enfim, ela exista; o passivo é a falta de autenticidade dessa literatura como fenômeno global. Um ativo semelhante não poderia ser previsto para o futuro – quem o poderia prever? Mas pode-se prever a possibilidade de transformação da literatura brasileira em expressão autêntica da nação, eliminando-se o falso elitismo (e eliminando-se, também, o falso populismo literário), mesmo ao preço de a futura literatura brasileira se parecer tão pouco com a do passado como a literatura russa atual se parece com a do Século XIX.<sup>108</sup>

Esta refundação da literatura brasileira, que a fará constituir-se como efetiva expressão da consciência nacional, não pode se realizar de forma isolada, dependendo ativamente de sua integração ao mundo e à república mundial das letras “por seu próprio esforço”. Mas se esta literatura encontra-se intimamente entranhada à realidade então constituída, sua perda pode ser passo necessário. E, acrescenta Carpeaux, “mesmo se não houvesse literatura nenhuma, não seria melhor perdê-la como realidade e guardá-la como possibilidade?” Para que a pré-história do país chegue a termo, é preciso alterar a realidade. Contra um sentido de inautenticidade cultural e, como veremos, uma sensação crescente de esfacelamento da literatura a que tanto se dedicara, o fecho do ensaio de Carpeaux deposita uma confiança vicária na resistência do corpo estudantil brasileiro, “esses estudantes admiráveis que sempre foram a verdadeira vanguarda da nação”.<sup>109</sup>

Ensaio fundamental para compreender a liga orgânica entre política e literatura na obra de Carpeaux, e direcionado ao vasto mundo a que o país precisa amear-se, “Dialética da literatura brasileira” delineia em seu percurso argumentativo movimento análogo ao que crítico crê ser a melhor descrição de sua trajetória, a passagem do pensamento à ação, como confidenciado a Alfredo Bosi a partir da leitura deste parágrafo da *História concisa da literatura brasileira*, que também é seu fecho:

A maturidade do grande crítico não o levou a um augusto fechamento sobre a própria obra. Nos últimos anos (ver *O Brasil no espelho do*

---

<sup>108</sup> Ibidem, p. 167.

<sup>109</sup> Ibidem, pp. 167-168.

*mundo e A batalha da América Latina*) realizou lucidamente aquela passagem da teoria à prática que para o velho hegeliano Croce era o destino de todo o espírito que ousou pensar para agir em consonância com o Espírito.<sup>110</sup>

## 7. OS ANOS FINAIS: 1971-1978

A despeito de sua formalização lapidar na coletânea de “despedida”, a ideia de um abandono completo da literatura em prol da atuação política por Carpeaux fez-se menos absoluta que relativa. Em meio à busca contínua por diversos lugares de dizer, redefinidos à medida que o jugo arbitrário da censura se impunha, Carpeaux continuava, ainda que em menor intensidade, escrevendo, pensando e respirando literatura.

Em 1971, o crítico publica uma longa apresentação da obra de Ernest Hemingway, composta para um livro da coleção “Tempo, vida e obra” da editora Bruguera em parceria com o Instituto Nacional do Livro, contendo excertos das narrativas mais famosas do autor norte-americano: *O sol também se levanta*, *Por quem os sinos doam*, *Adeus às armas*, *Paris é uma festa* e *O velho e o mar*. Carpeaux principia rememorando a dor da perda do escritor dez anos antes, “amigo de muitas horas e de vida inteira”, assim como sua impressionante disseminação entre leitores diletantes e especializados em uma época enfaticamente “cansada de literatura”.<sup>111</sup> A preferência do crítico por *Adeus às armas* dá-se, em grande medida, pelo fato de que nessa obra “o verdadeiro classicismo se caracteriza pela subordinação do romantismo inato e invencível à capacidade de suprimi-lo e de dizer, no entanto, sem ares acadêmicos, algo de novo”.<sup>112</sup> Ombreando-se com diversos mestres do conto, abrindo possibilidades não de todo exploradas, uma das marcas distintivas de Hemingway, para Carpeaux, é o recurso ao *understatement*, “o esforço para dizer sempre o que se pensa com o mínimo de palavras [...] não deixando perceber a emoção íntima”.<sup>113</sup>

---

110 BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2012, p. 532. Em carta a Bosi, data de 31 de dezembro de 1970, escrita após uma primeira folheada no então recém-publicado livro, diz Carpeaux: “Você me perdoará!, querido Bosi, a vaidade de também ter lido as páginas que você me dedicou me comoveram muito, naturalmente; e inspirou-me a maior satisfação a frase final, tão bem redigida, sobre a passagem do pensamento à ação. Em cima da nossa boa amizade pessoal, é este movimento, do pensamento à ação, que nos une. E que assim seja.” In: MASSI, Augusto; GIMENEZ, Erwin Torralbo; MAZZARI, Marcus Vinicius; MOURA, Murilo Marcondes de. (Orgs.) *Reflexão como resistência: Homenagem a Alfredo Bosi*. São Paulo: Companhia das Letras; Edições Sesc, 2018, p. 25.

111 CARPEAUX, Otto Maria. “Vida, obra, morte e glória de Hemingway”. In: *Ensaios reunidos – Vol. II*. Op. cit., p. 848.

112 Ibidem, pp. 860-861.

113 Ibidem, p. 890.

Assinalando a “morte pela violência” como núcleo vivo de sua obra, Carpeaux sublinha que essa contenção emotiva em nome da expressão precisa não implica a elisão de todo enlace afetivo entre o escritor e sua criação, pois se há uma verdade que emerge da leitura contínua dos escritos do norte-americano é a de que o “ficcionalista precisa ter sentido aquilo que inventa; mas não precisa tê-lo experimentado”.<sup>114</sup>

Entre 1971 e 1975, Carpeaux atua como colaborador da *Enciclopédia Mirador Internacional*, dando continuidade, em certo sentido, ao trabalho desenvolvido junto à *Grande Enciclopédia Delta-Larousse* na metade final dos anos 1960, sempre como braço direito do amigo Antônio Houaiss. Embora os verbetes não estejam em geral assinados, é possível perceber marcas de seu estilo e de suas afinidades eletivas em entradas que certamente lhe eram caras, como “Joseph Conrad” ou “Jacob Burckhardt”. O estudo mais aprofundado e rigoroso sobre este tipo específico de trabalho intelectual, que inevitavelmente exigirá copiosos cotejos com seus ensaios, constitui um ponto cego na fortuna crítica de Carpeaux.

Entre 1972 e 1978, a revista *Manchete* publicou mais de 200 artigos pertencentes a uma seção chamada “As obras-primas que poucos leram”, cujo foco privilegiava livros bastante conhecidos, mas efetivamente pouco lidos. Entre os colaboradores, havia nomes de monta como Antônio Houaiss, Paulo Mendes Campos, Carlos Heitor Cony, Josué Montello, Vianna Moog, Raymundo Magalhães Júnior, Lêdo Ivo e o jovem Ruy Castro. Carpeaux foi responsável por grande número destes artigos, apresentando ao leitor obras de Cervantes, Zola, Thomas Mann, Conan Doyle, Chesterton, Flaubert, Bocaccio, Dickens, Hans Christian Andersen, entre outros, incluindo algumas não tão conhecidas assim, como *O anjo azul*, de Heinrich Mann, e *Bubu de Montparnasse*, de Charles-Louis Philippe. Três décadas depois, a escritora Heloisa Seixas reuniu a maior parte destes textos em quatro volumes publicados entre 2005 e 2006 que adotam o título da seção. Em breve prefácio, a organizadora indica que os escritos de Carpeaux, com sabor de prosa amiga, digressões aparentemente desconexas e uma quantidade impressionante de informações, não deixam de instilar certos comentários políticos, sobretudo no caso de autores e obras de posicionamento ostensivamente conservador, contrários às suas convicções.<sup>115</sup>

---

<sup>114</sup> Ibidem, p. 864.

<sup>115</sup> SEIXAS, Heloisa. “O mundo da palavra”. In: *As obras-primas que poucos leram*, vol. I. Rio de Janeiro: Record, 2005, p. 10. A importância destes textos tardios de Carpeaux, sobretudo no que se refere à revisão de leituras precedentes do próprio crítico, pode ser vista no ensaio de Fábio de Souza Andrade, sobre Carpeaux e Beckett, e no estudo sobre as leituras de Henry Miller feitas por Carpeaux, de Aline Novais de Almeida e

No texto que abre o primeiro desses volumes, datado de 23 de dezembro de 1972, Carpeaux se debruça sobre *O castelo*, de Franz Kafka, mesclando de forma inusual o dado autobiográfico à interpretação crítica por meio da inserção de excertos de “Meus encontros com Kafka”, curioso relato sobre sua relação com a vida e obra do autor d’*A metamorfose*, um então quase completo desconhecido que chegou a conhecer pessoalmente em Viena. Na leitura do romance, Carpeaux observa a relação entre a intensificação de um estilo friamente realista e o fortalecimento das forças irracionais na trama novelística, discrepância que fomenta uma aura de ambiguidade permanente entre o inesperado do evento e o despojado do relato. Percebendo que “O homem de nossos dias vive sacudido pela angústia kafkiana, mas não reconhece nem quer reconhecer a natureza religiosa dessa angústia”,<sup>116</sup> Carpeaux discute algumas abordagens religiosas desta obra, como a judaica – acertada, mas restritiva – e, via diálogos com Pascal e Kierkegaard, a cristã. Ato contínuo, o crítico propõe uma interpretação “austríaca”, que incorpora uma nota ao rés do chão ao pensar *O castelo* no âmbito de uma sátira ao feudalismo e ao excesso burocrático presentes nos latifúndios aristocráticos da Boêmia, então província da monarquia dos Habsburgo. Por fim, antes de retornar ao relato pessoal, dando notícia de sua ida em junho de 1953 a Kierling, cidade nos arredores de Viena, em busca da casa de saúde em que Kafka morreu, Carpeaux acrescenta uma nota “puramente humana” ao seu percurso hermenêutico: “Talvez seja necessário ler as obras de Kafka literalmente. Sua obra é o espelho da existência humana.”<sup>117</sup>

Em 1977, Carpeaux dedica-se a fazer correções e ampliações para uma nova edição da *História da literatura ocidental*, que começaria a ser publicada no ano seguinte pela editora Alhambra, de Joaquim Campelo Marques, perdurando até 1982. Ainda em 1977, visita pela última vez o Velho Continente, experiência que motiva a escrita de uma série de quatro crônicas de viagem para a *Manchete*. Na terceira, “Viena, 40 anos depois”, Carpeaux delineia um retrato complexo de sua cidade natal em que a imponentia do novo, irreconhecível, não impede a ressurgência dos “espectros do passado”, acompanhados de um sentido agudo de isolamento: “nunca na vida me senti tão solitário nessa cidade que foi

---

Andréa Jamilly Rodrigues Leitão, ambos presentes nesta edição da *Teresa*.

116 “*O castelo* de Franz Kafka”. In: SEIXAS, Heloisa (org.). Op. cit., p. 26.

117 Ibidem, p. 28.

minha cidade”. A confusão arquitetônica de estilos artísticos, a vocação cosmopolita e multiétnica da cidade, a negação mortal de todos os clichês – “Sim, senhor, sou de Viena, mas pelo amor de Deus, não me falem em valsas nem em psicanálise” –; tudo contribui para o olhar difuso do “filho pródigo” já septuagenário, cujo relato entremeia saborosas anedotas da juventude intelectual vienense do início do século e o desencanto irredimível diante do que se perdera: “Viena é hoje o monumento dos mortos e o cemitério dos vivos.”<sup>118</sup>

Se sua relação com Viena passa por certa revisão de valores, gesto tão estimulado por ele no ofício crítico, outro de seus últimos textos também promove um acerto de contas com um dos maiores nomes da literatura brasileira, cuja obra, inusitadamente, jamais se convertera em objeto ensaístico para Carpeaux: “Guimarães Rosa era meu amigo pessoal. Não posso dizer isso sem sentir, no foro íntimo, um sentimento de culpa.” Escrevendo seu nome pela “primeira vez” após dez anos de sua morte, tal sentimento parece derivar da percepção de que em cada novo livro enviado e dedicado pelo autor mineiro havia o anseio subjacente de que o crítico escrevesse sobre ele. Questionando-se sobre essa recusa, Carpeaux confessa:

Nunca duvidei do fato de Guimarães Rosa ter sido um escritor extraordinário. Mas justamente sua importância muito acima do comum me inspirou uma preocupação, que cresceu com sua fama no mundo lá fora: *Grande sertão: veredas* é um panorama mítico do Brasil. E eu tinha medo, ainda tenho medo que esse mundo lá fora, que o admira, pudesse confundir essa mitologia com a realidade brasileira de hoje que exige todo nosso esforço – literário e extraliterário – para que seja radicalmente mudada.<sup>119</sup>

---

118 Idem. “Viena, 40 anos depois”. *Manchete*, n. 1341, Rio de Janeiro, 31 dez. 1977, pp. 126-131.

119 CARPEAUX, Otto Maria. “Guimarães Rosa: 19 de novembro de 1967”. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 19-20 nov. 1977, *Suplemento da Tribuna*, p. 3. Cabe ressaltar que Carpeaux já havia dedicado um brevíssimo texto a Rosa na morte deste, cuja justificativa era semelhante: “É com profunda melancolia que escrevo as presentes linhas. Guimarães Rosa foi amigo pessoal meu. [...] Inibido por dificuldades que me pareciam invencíveis, nunca consegui redigir o artigo desejado. [...] Mas ninguém entre nós pode desejar que o mundo lá fora considere como verdadeiro e único Brasil existente aquele país arcaico, sem passado e sem futuro, do qual a obra de Guimarães Rosa é o grandioso epitáfio.” Ver “Guimarães Rosa, um epitáfio”, *Jornal do Brasil*, Suplemento do Livro, 16 dez. 1967, p. 4. Já em outro artigo, coetâneo do que estamos comentando – e que pode ter sido o último artigo escrito pelo crítico –, Carpeaux desenvolve um pouco mais essas questões, fechando o artigo com nota similar: “Nem devem os estrangeiros acreditar nisso. Esta repercussão, muito involuntária, da obra de Guimarães Rosa, é preciso combatê-la: para que nenhuma ilusão estética sirva de pretexto para atrasar uma libertação que já tarda.” Ver “A repercussão de Rosa”, *Módulo*, Rio de Janeiro, abril-maio 1978, pp. 34-35. Agradeço a Eduardo Zomkowski pela generosa indicação destes três textos.

Desdobrada em outras preocupações, como uma eventual onda de imitação por novos escritores ou o estudo excessivo da obra a partir da moda estruturalista então em ascensão – atenuadas, no entanto, pela certeza de que “Guimarães Rosa sobreviverá a essa moda e a todas as modas” –, a justificativa de Carpeaux, a meu ver, instaura mais dúvidas do que respostas.

A internacionalização da obra de Rosa é algo que tomará forma apenas a partir dos anos 1960, encaminhada pela tradução de seu único romance para o inglês, com o título de *The Devil to Pay in the Backlands* (1963). A preocupação com o “panorama mítico”, no entanto, ainda anima certas disputas da crítica rosiana quanto à dimensão progressista ou reacionária da obra do autor, oscilando também entre uma leitura pendente ao esotérico e o enraizamento histórico ostensivo.<sup>120</sup>

A pergunta que cabe aqui, talvez, seria: por que Carpeaux não escreveu para o público brasileiro sobre estas questões, explicitando seus receios? Ou mesmo para um público estrangeiro, desarmando essa provável “stock response” mitificante? A resposta parece estar na afirmação de que “a realidade brasileira de hoje que exige todo nosso esforço – literário e extraliterário”, como a reforçar a ideia de que o círculo da literatura já se fechara para ele. Mas ela ainda não explica a ausência de resenhas de primeira hora (ou mesmo um pouco atrasadas) sobre *Sagarana* (1946) e *Grande sertão: veredas* (1956), obras publicadas quando a dedicação à crítica literária ainda norteava suas atividades.<sup>121</sup>

Um olhar mais atento ao conjunto de artigos do crítico permite divisar a presença de nomes pouco conhecidos, como a resenha em primeira mão de *João Abade* (1958),<sup>122</sup> de João Felício dos Santos, em contraste com ausências marcantes, como as de João Cabral de Melo Neto e Clarice Lispector. O início do texto sobre Rosa, escrito após um trabalho de luto de uma década, erige-se como uma elegia por toda uma literatura:

Nunca teria pensado que eu chegasse, um dia, a comemorar a morte de tantos amigos de minha primeira hora no Brasil: Manuel Bandeira, Murilo Mendes, Graciliano Ramos, José Lins do rego, Marques Rebelo, Jorge de Lima, Augusto Meyer, Otávio Tarquínio e Lúcia Miguel

---

<sup>120</sup> Entre muitos exemplos, poder-se-ia apontar, no primeiro caso, o livro de Francis Utéza, *JGR: Metafísica do Grande Sertão* (Edusp, 1994), e, no segundo, o estudo de Luiz Roncari, *O Brasil de Rosa* (Editora Unesp, 2004).

<sup>121</sup> Retomaremos tal questão em breve em um artigo sobre a presença ausente de Guimarães Rosa na crítica de Carpeaux.

<sup>122</sup> “Canudos como romance histórico”, *O Estado de S. Paulo*, 29 nov. 1958. O texto encontra-se recolhido em *Ensaio reunidos – Vol. II*. Op. cit.

Pereira, Rodrigo Melo Franco de Andrade, Astrogildo Pereira, Santa Rosa, Cândido Portinari, Aníbal Machado, Brito Broca, tantos outros, – sinto dolorosamente com o verso do velho poeta inglês: “All, all are gone, the old familiar faces”.<sup>123</sup>

O pungente ressoar dos versos de Charles Lamb – do qual só escapara Drummond,<sup>124</sup> ainda atuante naquele momento – evoca um outro sentido de exílio, não apenas pessoal ou marcadamente político, presente na convicção de que todo um corpus literário, sobretudo o da “gloriosa época da literatura brasileira entre 1930 e 1945”, se esvaíra.<sup>125</sup> Mais do que perscrutar os motivos de tal ausência, cabe lamentar que Carpeaux não tenha tido condições de escrever sobre tais autores, sobretudo Rosa, cuja obra postula questões que a crítica movente de Carpeaux poderia ter discutido de forma original.

O ano de 1978 testemunha, em meados de janeiro, a internação de Carpeaux no hospital Pró-Cardíaco por conta de um enfarte. Nos quinze dias em que permaneceu internado, a ocorrência de um segundo enfarte, seguido de enfisema, complicações renais e uma pneumonia dupla fizeram esmaecer a prodigiosa memória em que se agarrava para manter a lucidez. Carpeaux falece em 3 de fevereiro, uma sexta-feira de carnaval, aos 77 anos.<sup>126</sup>

Os meses subsequentes registraram importantes tributos ao crítico. Além de diversos obituários, Carpeaux recebeu uma importante homenagem pública no Teatro Casa Grande no Rio de Janeiro em 6 de março, contando com o casal Fernanda Montenegro e Fernando Torres como mestres de cerimônia que, além da leitura de depoimentos e poemas, dramatizaram a fuga europeia, o exílio e a incorporação de Carpeaux ao Brasil,<sup>127</sup> fato que por si mesmo atesta a importante dimensão pública

---

<sup>123</sup> CARPEAUX, Otto Maria. “Guimarães Rosa: 19 de novembro de 1967”. Op. cit.

<sup>124</sup> A acurada leitura de Carpeaux sobre o poeta serve como acicate para o artigo de Alcides Villaça presente nesta edição da *Teresa*.

<sup>125</sup> CARPEAUX, Otto Maria. “Suma de época”, cit., p. 905. Perguntado, em 1976, sobre o aprimoramento da crítica literária no país desde que chegara, Carpeaux contrasta-a com uma queda de qualidade das manifestações literárias, reduzidas a expressões individualistas: “Entre o Rio de Janeiro de 1945 e o de hoje, a diferença de compreensão crítica é quase incomensurável, no sentido de uma elevação de nível. Mas não quanto à manifestação literária. Nesse ponto, o Brasil de hoje é inferior ao de 45. Pense no Estado Novo: a literatura brasileira era a de Bandeira, Drummond, Murilo Mendes, Graciliano e outros. E hoje? A diferença é grande. Naquela época havia uma literatura brasileira. Hoje há talvez um número maior de poetas, ficcionistas e ensaístas de bastante talento. Mas não existe uma literatura, um *corpus*, neste momento.” Ver “Entrevista – Otto Maria Carpeaux”. Op. cit.

<sup>126</sup> Para um relato mais detalhado dos últimos dias de Carpeaux, ver a tese de Eduardo Gomes Silva, *Imagens de Otto Maria Carpeaux*, cit. De acordo com Zenir Campos Reis, que entrevistou a viúva, a morte de Carpeaux teria sido “antecipada pela necessidade de usar tranquilizantes.” Ver REIS, Zenir Campos. “Um começo: *Ensaaios reunidos*, de Otto Maria Carpeaux”. *Teresa*, n. 3, 2002, p. 293.

<sup>127</sup> A montagem dos textos foi organizada por Francisco Rodrigues, Mauro Gama e Sebastião Uchoa Leite e, posteriormente, reproduzida no número em homenagem ao crítico de *Ensaio de Opinião* (Rio de Janeiro: Paz

adquirida pelo crítico. Em julho, Carpeaux foi capa do décimo e último número da importante revista literária *José*, contendo depoimentos de Drummond, Houaiss, Aloysio Branco, Gastão de Holanda, José Guilherme Mendes, Mauro Gama e Sebastião Uchoa Leite em memória do crítico, que comparecera também no número de estreia da revista, dois anos antes, com uma importante entrevista na qual ostensivamente afirmava – inclusive por meio de interrupções frequentes às perguntas – sua divisa ético-crítica: “Meu esforço foi sempre o de evitar a imprecisão.”<sup>128</sup>

Mais adiante em 1978, dois livros seus são lançados. O primeiro, *Alceu Amoroso Lima por Otto Maria Carpeaux*, é uma biografia intelectual de um dos maiores nomes do pensamento católico brasileiro, nome que Carpeaux já conhecia antes mesmo de chegar ao Brasil e que foi também, como conta, “o primeiro brasileiro que conheci pessoalmente”.<sup>129</sup> No âmbito específico da atuação como crítico literário, Carpeaux valoriza em Alceu algo que também lhe é caro: o equilíbrio entre o julgamento dos autores contemporâneos e o trabalho incessante de reavivamento do cânone, incluindo a importante tarefa de “ressuscitar autores injustamente esquecidos”.<sup>130</sup> Além disso, se Alceu parecia prezar demasiadamente a mensagem das obras em detrimento da forma, foi dos primeiros a notar o excessivo esteticismo modernista, prenunciando o famoso *mea culpa* de Mário de Andrade em “O movimento modernista”.<sup>131</sup> Por fim, cabe destacar a percepção geral de Carpeaux de que Alceu constituía-se, no momento da escrita do livro, em “uma bandeira” cuja voz se levanta para exigir “o direito de todos os cidadãos brasileiros a um padrão de vida digno de criaturas humanas” bem como “a humildade das autoridades que existem para servir-nos em vez de dominar-nos conforme seus arbítrios e desmandos”.<sup>132</sup>

O segundo livro póstumo é a coletânea *Reflexo e realidade* (1978) que traz 34 dos melhores ensaios escritos por Carpeaux. Em geral, o

---

& Terra, 1978).

<sup>128</sup> “Entrevista – Otto Maria Carpeaux”. Op. cit.

<sup>129</sup> CARPEAUX, Otto Maria. *Alceu Amoroso Lima por Otto Maria Carpeaux*. Op. cit., p. 11.

<sup>130</sup> Ibidem, p. 33.

<sup>131</sup> Ibidem, p. 38.

<sup>132</sup> Ibidem, p. 43. O mesmo livro traz, ainda, uma excelente entrevista com Alceu, Antônio Houaiss e Antônio Callado, realizada em 27 de abril de 1978 com intuito de lembrar sua convivência com Carpeaux. Entre muitas observações interessantes, vale salientar o entusiasmo com que Carpeaux realizava suas tarefas; o “imperialismo da cultura” presente em sua herança austríaca; uma angústia recorrente, uma “enorme tendência às paixões” que o levava a dilaceramentos contínuos; e, não menos importante, um amor profundo pelo Brasil aliado à consciência profunda de suas mazelas estruturais.

conjunto de textos não é muito diferente do que vemos em *Vinte e cinco anos de literatura* (1968), cabendo destacar pequenas joias exclusivas e recentes como “Sade, nosso contemporâneo”, “O ponto de vista de Gógol”, “Ex oriente lux” e “O romance como poema e a ditadura como realidade”. Coube ao poeta e crítico Sebastião Uchoa Leite assinar o prefácio do volume, “Carpeaux e Alexandria”,<sup>133</sup> uma das melhores introduções à riqueza do ensaísmo de Carpeaux. Propondo uma “defesa de Carpeaux contra seus entusiastas”, o prefaciador destaca a variedade de métodos e a recorrência de certos procedimentos, entre os quais a reciclagem temática que se faz não apenas forma, mas também conteúdo. A introdução valoriza ainda o viés prosaico de sua crítica, em flagrante oposição à “idolatria do monumento intelectual”, interessando-se por temas menores como o “Destino do romance policial” ou a cena do porteiro em *Macbeth* (“As bruxas e o porteiro”), em que “o trivial irrompe como elemento de perturbação do trágico”. Por meio de uma leitura afiada e certa, Sebastião Uchoa Leite nos desvela o cerne vivo da crítica de Carpeaux que, em sua fragmentariedade de mosaico, debruça-se sobre “a interpretação da realidade ao nível simbólico das linguagens (a literatura, o pensamento, os mitos), constantemente referida a um nível concreto e histórico”, marca de uma crítica dotada de uma dimensão combativa e simultaneamente ética, crítica de “entranhada afetividade”:

Mais ensaísta do que historiógrafo, Carpeaux escreveu sobre muitos autores e temas. Ensaísmo politemático e frequentemente dispersivo. Menos *scholar* do que diz, nunca se recusou ao tema do momento, como se vê sobretudo em *Presenças e Livros na mesa*. Nada do que escreve é de um erudito indiferente, e por isso é menos intenso o que escreveu *contra*, nessa crítica de entranhada afetividade. [...] Esclarecer problemas, estabelecer distinções e paralelos, salvar nos autores, mesmo no que parece inaceitável, a sua lição (vide os ensaios sobre Vico, Machiavelli, Casanova, Swift etc.), o que está vivo.<sup>134</sup>

\*

Parte constitutiva da lição de Carpeaux, a despeito das agonias do presente experimentado em seus anos derradeiros, é a crença vital de que

---

<sup>133</sup> LEITE, Sebastião Uchoa. “Carpeaux e Alexandria”. In: CARPEAUX, Otto Maria. *Reflexo e realidade*, cit., pp. 7-21.

<sup>134</sup> Ibidem, p. 16.

o espírito – e a cultura – a tudo sobrevive. Cabe auscultar os profetas. Falando sobre Vico em seu primeiro livro, ressoa a voz do exilado não plenamente integrado ao novo país e cujo passado político ainda lhe iria causar incômodos e desconsolo:

Num tempo em que a gente é interrogada, em cada esquina, sobre a que partido pertence Vico teria tido a coragem de passar sem ouvir a pergunta. Não teria temido o campo de concentração, pois já estava dentro dele, nem o ostracismo, já que o espírito superior o merece. *Passaria por um pessimista excessivo, porque esperava auroras que ainda não resplandeceram.* Submerge-se num passado que se foi, e num futuro que está por vir, pois compreende mais profundamente do que os outros o presente. Por isso mesmo, parece insensível como uma pedra, como a pedra corroída do seu monumento que olha a paisagem histórica, rodeado de crianças inocentes que brincam e não sabem quem era aquele que lhes traçou, a elas também, os implacáveis destinos do futuro.<sup>135</sup>

Trinta anos depois, ao tornar-se colaborador de primeira hora do importante jornal *Opinião*, de ferrenha oposição ao regime militar, Carpeaux publica em seu número de estreia uma homenagem aos 70 anos de Drummond. Retomando observações sobre o vínculo entre prosa e verso na obra do poeta mineiro, e defendendo que sua política possui um valor antes ético que rigorosamente partidário, Carpeaux encerra o texto com uma nota de expectativa: “Mas não vamos continuar pessimistas. Não esqueceremos aquela metáfora: a poesia de Carlos Drummond de Andrade também é como um relógio que bate as horas da história, e nem todas as horas são noturnas. ‘Há muitas auroras que ainda não se levantaram’”.<sup>136</sup>

A frase final – retirada do *Rig Veda* indiano e provavelmente colhida pelo autor na epígrafe da *Aurora* (1881) de Nietzsche – ressoa como agudo *leitmotif* que atravessa toda a obra de Carpeaux, da apoliteia presente em Burckhardt e Vico ao engajamento em periódicos de resistência contra a ditadura.<sup>137</sup> O crítico irá vislumbrá-la uma vez mais, transformada, no

---

<sup>135</sup> CARPEAUX, Otto Maria. “Vico vivo”. In: *A cinza do purgatório*. Op. cit., p. 55. Grifo meu.

<sup>136</sup> Idem. “Drummond, o poeta público”. *Opinião*, n. 1, 6-13, nov. 1972, p. 24. Cabe notar o estreito vínculo entre a imagem da aurora presente neste texto e os famosos versos finais de “A morte do leiteiro”, sobre os quais disse Carpeaux a Drummond, em 8 de novembro de 1944: “Na relação, risquei os poemas que v. já me mandou em outra ocasião (não risquei o “Leiteiro” porque um amigo que aliás muito gostava de encontrar você, me roubou; v. tem ainda um exemplar? as últimas linhas me fazem grande falta).” A carta, acompanhada de uma breve análise de Fabio Cesar Alves e Vagner Camilo, encontra-se presente nesta edição da *Teresa*.

<sup>137</sup> A imagem reaparece, em sutis variações, em “A canção do amor amado – Thiago de Mello” (*Revista Ci-*

escudo disposto no frontispício do *Dom Quixote* cervantino: *Post tenebras, spero lucem*, ou, segundo a tradução do crítico para o verso do *Livro de Jó* (17,12) da *Vulgata* latina, “Depois das trevas, espero a luz”.<sup>138</sup>

Em sua leitura do primeiro dos romances, a frase não tem o sabor de fecho esperançoso, mas articula uma interpretação da obra a partir do agônico binômio aparência-realidade, tensionado pela própria cisão evidenciada por Dom Quixote e Sancho Pança, ambos incapazes, à sua maneira, de distinguir tais instâncias. O caráter intrinsecamente contraditório da realidade, a discrepância entre o aparente e o real, afigura-se para Carpeaux como “tema principal de todo o romance moderno”, e o invejável equilíbrio cervantino residiria no humor capaz de superar “dialeticamente essas contradições, mas sem reconciliá-las”. Entre reflexo e realidade, o retrato e sua leitura, eis o *locus* habitado por Carpeaux, consciente do caráter provisório das interpretações diante do empenho que as grandes obras literárias reclamam de seu exegeta, bem como da ambiguidade inerente à própria cultura, sujeita ao jugo coercitivo das próprias forças que a animam.<sup>139</sup> Só depois das trevas espera ver-se a luz. E o que subsiste, perdura – realidade sem reflexo – fundam-no os poetas.<sup>140</sup>

GUILHERME MAZZAFERA S. VILHENA é doutorando em Literatura Brasileira pela FFLCH-USP, com pesquisa sobre a crítica literária de Otto Maria Carpeaux.

---

*vilização Brasileira*, n. 9/10, Rio de Janeiro, set.-nov. 1966, p. 317) e no “Prefácio” de Carpeaux a *Cultura de massa e cultura popular: leituras de operárias* (Vozes, 1973, p. 8), de Ecléa Bosi.

<sup>138</sup> CARPEAUX, Otto Maria. “Cervantes e o *Dom Quixote*”. In: CERVANTES, Miguel de. *Dom Quixote de La Mancha*. Tradução dos Viscondes de Castilho e Azevedo Ilustrações de Gerhart Kraaz. São Paulo: Círculo do Livro, 1958, pp. 5-18.

<sup>139</sup> Em excelente leitura comparativa entre o pensamento de Jacob Burckhardt e Alfredo Bosi, Robert Patrick Newcomb nota uma tensão comum quanto à ideia de que “a cultura é uma força que simultaneamente produz história e é produzida por ela – e, portanto, está firmemente situada no bojo das estruturas de poder temporal, mesmo que exerça concomitantemente uma função moralizadora que aspira removê-la dessa esfera.” Como nota o crítico, em Bosi tal questão conduzirá à afirmação do conceito de resistência, referente a textos que “além de cumprirem a importante função política de articular programas de oposição, beneficiam-se esteticamente das tensões ideológicas internas.” Ver NEWCOMB, Robert Patrick. “Sobre o signo de um poder maligno: Jacob Burckhardt e Alfredo Bosi.” In: MASSI, Augusto; GIMENEZ, Erwin Torralbo; MAZZARI, Marcus Vinicius; MOURA, Muriilo Marcondes de. (Orgs.) *Reflexão como resistência: Homenagem a Alfredo Bosi*. Op. cit., pp. 246 e 252-253. De nossa parte, acrescentemos que Bosi, cujo contato com a obra de Burckhardt deu-se via Carpeaux, parece ter subsumido criativamente a noção de pseudomorfose, utilizada recorrentemente por Carpeaux na *História da literatura ocidental* e em alguns de seus ensaios, noção esta que indicia a presença de tensões e desacordos entre os estilos dominantes e as realizações individuais das obras artísticas, redimensionando-a no conceito de resistência, constantemente retrabalhado por Bosi e que se irmana às suas preocupações referentes ao amearhar-se entre estilo e ideologia e à profusa gestação de contraideologias no seio das obras literárias.

<sup>140</sup> Referência ao verso “O que perdura porém, fundam-no os poetas”, do poema “Lembrança”, de Friedrich Hölderlin, evocado por Carpeaux em “A mensagem de Hölderlin” (*Origens e fins*. Op. cit., p. 50).